

ERA NOVA

REVISTA
QUINZENAL
ILLUSTRADA



Mlle. ESTELLA BEZERRA

ANNO I ○ Paratyba, 6 de maio de 1921. ○ NUM. 1

A redacção não se responsabiliza por idéas e conceitos expostos nos artigos de seus collaboradores.

ANNUNCIOS previamente justas com o director-commercial da Revista

COLLABORADORES:

Dr. Carlos R. Damasceno

Dr. Antonio Toledo

Dr. Carlos Ruy

Dr. Manoel de Carvalho

Dr. Octavio Soares

Celso Maria

Dr. Manoel Tavares

D. José A. de Almeida

Dr. Alcides Boserra

Cong. dr. Pedro Aníbal

Prof. Coriolano de Medeiros

Dr. Vaul Machado

SUMMARIO

- I—O phantasma da gloria—José Américo de Almeida
- II—Viagens em torno de mil e pouco—X
- III—Trovas da roça (verso)—Século
- IV—A quinzana rimada—X de X
- V—Carinhão, o saqueiro—Adhemar Vidal
- VI—Arbores sapiens (versos) Carlos D. P.
- VII—Discursos de Eloy Barbosa (contemporâneo)
- VIII—Do wagon n. 45—Alfredo Serrano
- IX—Paradoxos de Sampaio—J. Lima do Rego
- X—De passagem—Id.
- XI—Maná em flores (versos)—Américo Pinheiro
- XII—O Orpimentado—Id.
- XIII—Canta da "Euz Nove"
- XIV—Ballada das rosas (versos)—Jaguar et al
- XV—A enguia e o domo azul—Judo da Motta
- XVI—Estyru (satyriana) (versos)—Euzébio Leão
- XVII—O desheredado—Luzia
- XVIII—Impressões do Amazonas—Pinto Pereira
- XIX—Echto-se arte—J. N.
- XX—No campo (versos)—Jonas Montenegro
- XXI—Pruis esq.—Pedro Aníbal
- XXII—Notas sociais
- XXIII—Pelo mundo dos desportos

Professor Abel da Silva

Prof. Juvenal Coêbo

Dr. João da Matta

Dr. Sá e Benevides

Dr. Adhemar Vidal

Padre Mathias Freire

Vicente Falcone

Rocha Barretto

Dr. Jonas Montenegro

Dr. Elpidio de Almeida

Dr. Digenes Caldas

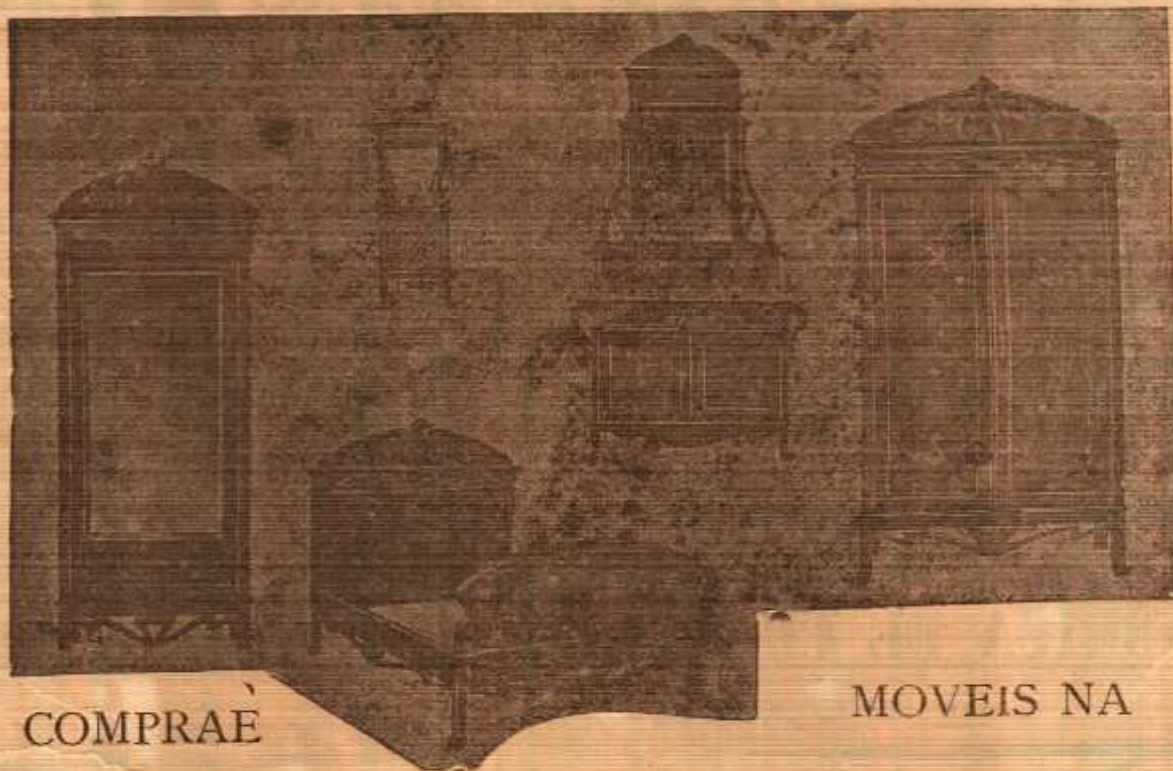
ASIGNATURAS

Capital	{	Anno - - - - -	145000	Trimestre	{	Anno - - - - -	185000
		Semestre - - - - -	75000			Semestre - - - - -	105000
		Numero avulso - - - - -	5000			Numero avulso - - - - -	3700

Numero atrasado 15000 | RUA DUQUE DE CAXIAS, 503. | Pagamento adiantado

Quereis juntar o conforto á elegancia?

Dar bôa apparencia e commodidade á vossa casa?



COMPRAE

MOVEIS NA

CASA NAVARRO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 123

NAVARRO & C. — Parahyba

ERA NOVA

USAE OS ACREDITADOS SABONETES

MEDICINAS E PERFUMADOS DA

SABOARIA

PARAHYBANA

RUA VISCONDE DE INHAUMA N. 122

SEIXAS IRMÃOS & COMPANHIA

FABRICA DE CURTUMES "SÃO FRANCISCO"

DE GUERRA & GUSMÃO

Grande fábrika, a vapor, de vaquetas, curinhos, carneiras, pellica, sola e r-spa laminadas, caspas preparadas - beneficiamento de couros em geral.

Fabricam, pelo processo chimico do CHROMO, vaquetas pretas e de côres, pellicas, etc

Fabricantes das vaquetas verniz-chromo marca "RESISTENTE", Bufalo branco, carneiras brancas, etc.

PREMIADA COM MEDALHA DE OURO NAS EXPOSIÇÕES INTERNACIONAES DE MILÃO E MUNICIPAL DESTA CIDADE.

CODIGOS:

RIBEIRO, BOR.

GES, A. B. C. 5.ª EDIÇÃO E PARTICULARES.

ENDERÇOS:

TELEGRAPHICO—GUSMÃO
CAIXA POSTAL N. 40

FABRICA E ESCRIPTORIO:

LADEIRA DE SÃO FRANCISCO N. 53

PARAHYBA DO NORTE

A ATTRACTIVA

Camisas para homens,
chapéus para senhoras e
ceranças.

GIOVANNI PONZI

RUA MACIEL PINHEIRO

PARAHYBA DO NORTE

PHARMACIA LONDRES

Despacha receitas com especial cuidado, pericia e
toda presteza.

Medicamentos sempre novos, puros e verdadeiros.

Grande sortimento de especialidades pharmaceuticas,
nacionais e estrangeiras.

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS

RUA MACIEL PINHEIRO

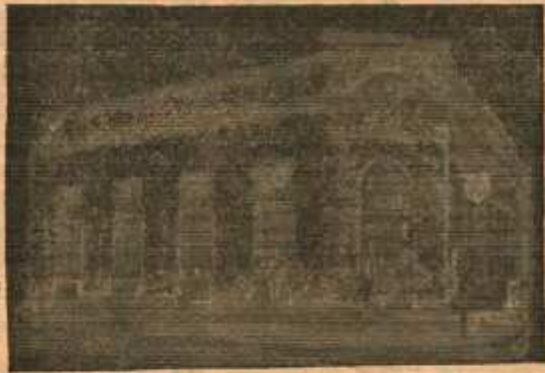
Reinaldo de Oliveira & C.

Grande estabelecimento de miude-
zes e fazendas em grosso

Rua Maciel Pinheiro n. 172

TELEPHONE-145

CASA COSTA



DE EMYGDIO COSTA

GRANDE E VARIADO SORTIMENTO DE TECL-
DOS FINOS PARA SENHORAS, PERFUMARIAS,
CHAPÉOS PARA HOMENS, SENHORAS E CRE-
ANÇAS, GRAVATAS, MIUDEZAS E MUITOS
OUTROS ARTIGOS DE NOVIDADE.

RUA DA REPUBLICA N. 681

CIRAULO & C.^a

SÉCCOS E MOLHADOS
CONSERVAS NA-
CIONAES E
ESTRANGEIRAS,
VINHOS DOS
MELHORES FA-
BRICANTES.

Rua Maciel Pinheiro

HOTEL LUSO BRASILEIRO

I. RAMOS MAIA

Estabelecimento de 1.^a ordem — Accommodações para familias

SERVIÇO

PERFEITO

E ASSEIO

Em frente á est. da Great Western

Praça Alvaro Machado

Parahyba do Norte

LLOYD SUL-AMERICANO

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

Capital Rs. 4.000:000\$000

AUCTORIZADA A FUNCIONAR POR DECRETO N. 13.794
DE 8 DE OUTUBRO DE 1919.

Séde: Rua da Candelaria, 4. — Rio de Janeiro

End. Electr. "SULOYD"

Agente neste Estado: GERALDO VON SÖHNSTEN JUNIOR
Rua Barão da Passagem, 109.

"A ELITE"

LINS & MONTEIRO

CASA DE MODAS

Rua Maciel Pinheiro — 211

PARAHYBA

CASA VESUVIO

RUA MACIEL PINHEIRO N.º 163

Caprichoso sortimento de
tecidos, modas e armarinho.

VICENTE RATTAGASO & COMP.

Perfumarías finas, objectos para
presentes e artigos para homens

PYRAGIBE LEMOS & C.^A

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES, REPRESENTAÇÕES E CONTA PRÓPRIA — AGENTES DE:

G. Amsinck & Comp., Inc.	— — —	New York
Klingelhoefer & Comp.,	— — —	Paris
Kittel & Comp.	— — —	Londres
M. Saldanha & Comp., Ltda.	— — —	Lisbõa
Charles Duval & Comp.	— — —	Londres
Nestlé & Anglo-Swiss Condensed Milk C. ^a	— — —	Londres, New-York
Leite Condensado "Moça e Arareense"	— — —	Cham, Araras e Rio de Janeiro
Colgate & Comp.	— — —	New York
Mombel-Bossart & Fils	— — —	Bruxellas
Association Commercial e Italo-Belge	— — —	Genova Anvers e Cologne
J. D. Riedel	— — —	Berlim
Heine & Comp. A. G.	— — —	Leipzig
Manoel Pedro & Comp.	— — —	Pará
Martins, Jorge & Comp.	— — —	Pará

CODIGOS:
 A B C 5.^a e 6.^a EDIÇÕES, HIEBER
 BENTLEY,
 BORGES, RIBEIRO e PARTICULARES

S. Silva & Comp. Fabrica de Tecidos Codó	Codó Maranhão
Abelardo Ribeiro	— — — Maranhão
Fabrica de velludo e seda Suissa Brasileira	R. de Janeiro
Sequeira & Comp.	R. de Janeiro
Davidson, Pullen & Comp.	R. de Janeiro
Bellingrodt & Meyer	R. de Janeiro
Fundição Indígena	R. de Janeiro
Vasconcellos, Lemos & Notim	R. de Janeiro
Correia & Custos	R. de Janeiro
Companhia Brasileira de Viagem e Commercio	R. de Janeiro
Casa Hansa - Henrique Bruggemann	R. de Janeiro
Amorim, Oörtz & Comp.	Pernambuco
Companhia Antártica Paulista	S. Paulo
Hoepcke, Irmão & Comp.	Florianopolis
Nunes & Irmão	Pelotas
Viuva J. Gianuca & Comp.	Rio Grande

UNICOS RECEBEDORES NESTE ESTADO DO AFAMADO DENTIFRÍCIO "ODOL"

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "GILBERTO"

CAIXA POSTAL — 8

UNICOS RECEBEDORES NESTE ESTADO DO AFAMADO DENTIFRÍCIO

ENDEREÇO TELEGRAPHICO: "GILBERTO"

CAIXA POSTAL — 8

O Phantasma da Gloria

Annuncia-se que Guilherme de Hohenzollern elegeu o Brasil, por signal que Matto Grosso, para terra do seu exilio.

Tenho que não merece fé essa versão. A politica internacional tem creado em torno do ex-kaiser uma atmosfera de tanta phantasia e mystificação, a termos de envolvel-o num mysterio. A impressão real do seu desterro não se irradia além das lindes de Doorn.

A inventiva vaidade nacional dá-se ao ridiculo de querer transformar nossas maravilhas tropicaes num tedioso viveiro de reis e herões decaidos... Boquejou-se tambem que o general Wrangel, escorraçado pelos *soviets*, vitia, com os seus soldados, refugiar-se no Paraná. E é muito para presumir-se que lhe tenha sido preparado o programma de recepção, inclusivamente os discursos em vernaculo... Mas, se o ex-imperador da Alemanha vem, de verdade, aconchegar-se em nossa hospitalidade, que sentimentos lhe determinaram essa preferéncia?

Adensam-se-lhe as trevas da viuvez recente. Amerongen era triste, mas tinha o conforto familiar, como um prolongamento da Alemanha. Dispartiam-se os desgostos e as saudades na mesma communhão de affectos.

Mas Doorn, á sua visão affligidissima, está toda coberta de crepe. Augusta Victoria, o seu encosto de resignação, arrastada pelo torvelinho da dôr, descambou na morte. Voou sua alma maternal trás dos príncipes que não poderam viver como o commum dos homens.

Guilherme quer forrar-se á consciencia do seu abandono.

Asphyxiado pelos estreitos horizontes do retiro tumular, povoado de memorias funebres, elle não pôde continuar chumbado a essa proscricção, á beira dos seus inimigos e da patria defesa.

Visiona um pais immenso que comporte a extensão das tristuras de seu espirito de ho-

Desenrola o *mappa-mundi*. A geographia politica é um pesadelo!

Medita, em tremuras, no cataclysmo que desfigurou a face da terra. Eis senão quando enxerga na immensidade da America um nome que se cõa em sua alma—Matto Grosso.

Desenha-se-lhe na imaginação a matta bruta

*Virgem do passo humano e do machado,
Onde apenas, horrendo, ecoa o brado
Do tigre, e cuja agreste ramaria*

Não atravessa nunca a luz do dia.

E' o remanso idéal para quem quer esconder-se da curiosidade universal, para quem foge da sombra da propria gloria desvanecida. A natureza impervia; o apartamento do mundo; a sociedade dos bichos—eis o ambiente que convém a quem se desloca da humanidade por uma reviravolta do destino mais violenta que a morte.

Guilherme II—perdão!—... o conde Guilherme tem a angustiosa percepção do esphacelo de sua patria.

Vê derrocar-se fragorosamente uma construcção genial, cuja eficiencia se dilatara por todo o globo nas relações da intelligencia, do commercio, da industria e de todos os ramos de actividade humana.

Não se pôde ainda averiguar, na intensidade das paixões, se esse desastre deve ser levado á conta de sua politica aggressiva e índole avida de conquistas ou se, antes, representa o effeito de forças inconfessaveis colligadas contra os factores de uma nova civilização.

Aguarda-se o juizo da historia, mas, pelos modos, essa chamada *mestra da vida* não tem juizo...

A opinião voltaria dos seus antigos subditos attribuir-lhe, naturalmente, a catastrophe e repulsa-o do seu seio. Tenta esse povo salvar-se,

se, dessangrado pelos inimigos, que lhe chupam os proprios ossos.

Guilherme é o *paroxymo* desse martyrologio: perde o sonho de dominação, perde o throno, perde a patria, perde a familia!

E' desigual a sorte dos reis desthronados, na ficção e na historia. *Edipo* arranca os proprios olhos e vae pela mão de *Antigona* até sumir-se num precipicio em presença de *The-seu*; o rei *Lear*, enxotado do proprio palacio, em noite de temporal, por suas filhas *Gonenil* e *Regane*, confunde a sua loucura com a furia dos elementos; *Luis II*, da *Baviera*, mergulha a sua demencia no lago de *Itarnberg*; *Carloman*, rei da *Austrasia*, da dynastia de *Meroveu*, guarda carneiros e gansos no monte *Soracte*; *Valeriano* vae acorrentado, com os ornamentos imperiaes, atrás do carro de *Sapor*; *Pedro*, czar da *Bulgaria*, morre na fortaleza de *Dorostol*; *Carlos III*, o *Simples*, fina-se na torre de *Peronna*; *Carlos I*, de *Inglaterra*, é decapitado; *Nicolau*!... Esta frioleira vae perdendo a feição de chronica, para ser lição de historia!...

Ha, por outro lado, exilios suaves, como o daquelle *Christiano*, rei da *Illyria*, do romance de *Daudet*, a levar, em *Paris*, vida estroina e descuidosa, para desesperação da rainha *Frederica*.

Passam outros como simples mortaes: nosso querido d. *Pedro*, na privança dos sabios; *Napoleão III*, nos olhos de *Chislehurst*; o infavel d. *Manuel*, que parece arreçar-se da restauração, nas caçadas de *Inglaterra*...

Mas o ex-kaiser tenha ou não saudades da corõa perdida, é o mais lastimoso symbolo de decadéncia. Porque tombou de muito alto e ficou esmagado pelo desmoronamento de sua obra.

Perguntava *Clotario*, rei dos *Franco*s: *Não é preciso que seja muito poderoso o rei do céu para abater tão facilmente os mais pode-

ERA NOVA

Despojado das grandezas, atormentado por todas as provações, sentindo o sopro da anarquia desencadeada pelo mundo em flutuação, o superhomem quer reconciliar-se com a natureza e acolher-se no obscurantismo do seu occaso.

Dizem que esse formidável conductor de homens deseja criar rebanhos. Quer explorar, em nossas terras, a industria pastoril, cujas graças vergilianas poderão adoçar-lhe a amargura dos ultimos dias.

É um mister que não deslustrará as tradições...
Como alguém reprochasse ao rei Affonso de

Aragão o dedicar-se a trabalhos manuaes, replicou o monarcha: «O Senhor talvez tenha dado mãos aos reis sómente para trazer as cidadades sobre o peão!»

E esse ainda empunhava o sceptro. Quanto mais quem está experimentando a sobrevivência de todo o peso da condição humana!

Venha elle até nós. Matto Grosso ganhará, através da historia, serenos e denro, a fama de Elba e Santa Helena, de Jersey e Guernsey...

José Americo de Almeida

Viagens em torno de mim mesmo

Bate a moçoila da vizinhança á minha porta. As meninas, enquanto não deixam crescer o cabelo, são communs de dois; por isso, servem tambem de moços de recado. Antes, a distincção era saia comprida, sem embargo de que, hoje, noutro sentido, a distincção seja a saia curta. Não sei se me faço entender, isso de escrever para não ser entendido é privilegio dos *stylistas*, umas creaturas que, por mercê dos dictionarios, não se exprimem como o commum dos homens...

A medida dos vestidos está na ordem inversa das edades: as solteironas, pelo menos, compensam o augmento dos annos com a diminuição das saias.

E não é que, enquanto eu me distrahia com a moda (eterna tentação!), a menina já bateu três vezes!

Entra e canta o recado:

— Mandou dizer que mandasse o jornal. Desmancho-me em explicações: «Está na casa de A; depois vai para a casa de B, que pediu primeiro; depois para a casa de C, que está adiantado; depois... Venha ás 3 horas.»

Dizem que o Código Civil tem um capitulo sobre os direitos e deveres dos vizinhos.

Dentre ellas, devem estar incluídos o direito de tomar emprestado e o dever de emprestar.

Quem transgredir essas disposições do Código Civil será, pelo menos, *incivil*...

Divergem os commentadores do texto legal sobre os limites dessa obrigação: entendem uns que se deve emprestar tudo quanto se tem em casa, inclusive o alheio; pensam outros que só se deve emprestar a metade (*quid sitis*); para que, em caso de necessidade, não se fique na contingencia de recorrer áquelles proprios a quem foi feito o empréstimo, o que seria suprema grosseria.

O verbo emprestar tem diversas significações, conforme o seu objecto. Tomar um

livro emprestado é furtal-o; tomar dinheiro emprestado é brigar, quer no caso de recusa, quer, ao contrario, com mais liberdade de razão, no caso de cobrança; tomar nichel para o bonde, sob color de não ter nichel, é morrer...

As relações da vizinhança estão na pro-

dua collires de café, um ovo para a papa, ou mesmo, em alguma com unha branca ou preta, um óleo, (porque o comprado estava pótreo), o panco de coar agua... Já houve até quem pedisse emprestada a escova de dentes e, talvez, a propria dentadura...

Ha um pedido que se faz por cima do muro, em altas vozes, para que seja ouvido a distancia: é o da marca de fazer bôlos. Os outros são transmitidos em cochichos ou bilhetes com o nota final: *Rasgue depois de ler.*

E, enfim, até o Padre Eterno tem o habito de tomar emprestado: Quem dá aos pobres empresta a Deus...

Tomeira que se adopte tambem o costume de emprestar... automóveis!

X. DE MESTRE

Trovas da roça

Se encontrou-se os meus dois óio
Com os óio de Filizmina...
E meus óio me dixerão:
E braba aquella minina!

Mas afiná, nós casamo;
E, adispois de dado o nó,
Arreparei a maivada
Da minha sorte cotó!

Com três sumana briguemo...
Foi em brigão de valdade:
Ella me deu de baçora
Sem té dó nem piadade!

Eu dôido, baxei o murro...
Filizmina, ahi, chocou:
Sahiu, tyranna, correndo,
E cá mais nunca vortou...

Se acabou-se o meu suçêgo
Não tive mais vida carma;
E meus óio, sem consêlo,
Só véve vertendo larna!...

ERUAN

OS AUXILIARES DO GOVERNO



Major JOÃO FLORENCIO
Commandante da Força Policial

porção dos empréstimos: o melhor vizinho é aquelle que mais nos *incommoda*.

Emprestamos para os casamentos, emprestamos para os baptizados e emprestamos até para uns certos actos intermediarios, isto é, posteriores ao casamento e anteriores aos baptizados...

São frequentes os empréstimos meudos.

WELUITSCHIA MIRABILIS

No noroeste da Africa, abaixo do Senegal, encontra-se uma arvore curiosa, cuja denominação scientifica é *weluitschia mirabilis*, nome composto de *welutsch*, o botânico que a estudou, e da palavra latina *mirabilis*. Essa arvore, que tem sómente duas folhas, apresenta uma haste colossal, medindo o seu tronco cinco a seis metros de diametro. Não attinge, porém, a uma altura superior a cincoenta centímetros, e na sua haste brotam frutos encarnados com a forma de pequenas maçãs. A *weluitschia mirabilis* só tem, como dissemos, duas folhas; são porém immensas, offerecendo communmente um metro de largura e três de comprimento. Verdes e duras como couro, essas folhas resistem a acção do tempo e só seccam com o tronco, cuja vida é aproximadamente de sessenta annos.

A QUINZENA RIMADA

Entre no caldo de canna,
Provo-o e pergunto, zangado:
«Que nome deu à tisana?»
O caldo está baptizado . . .

Vendo que não vale a pena
Viver-se sem fazer nada,
Resolve António Lucena
Montar uma xarqueada.

Por ser carne de boi velho,
Muito cara e muito dura,
A xarque será de coelho
Da «S. de Agricultura» . . .

Que idéa feliz! A' banda
Do corpo policial
Atraz dos gatunos anda,
Com todo o instrumental . . .

Pega em flagrante o ladrão?
Pois deve enxotá-lo assim:
Enquanto o bombo faz *hã*,
Os pratos fazem *chim, chim* . . .

Primeiro de maio. A festa
Do trabalho. Pois, não grado,
Nenhum trabalho se presta,
Que é domingo e é feriado . . .

«O bello sexo, em regra,
Não fuma» . . . — diz nós o Gil.
Mas, bem que o cigarro o alegra:
Só não fuma no Brasil . . .

Para «A União», . . . *Reticencia*
É um «causidico de nota» . . .
A expressão, tenham paciencia,
Certa malícia denota . . .

A festa da *Bôa Imprensa*.
Pelo nome . . . ninguém prova,
Mas, muita gente não pensa
Que foi festa da *Era Nova* . . .

Não fôsse Delegacia
Fiscal, fôsse mais didactica,
Quanta gente prenderia
Por atentado à grammatica!

Quem, ao revéz, não tem curso
Primario, na paz e amor,
Faz concurso com o concurso
Do proprio examinador . . .

O Jardim da Tentação
Não foi mais apreciado
Porque, sem a exhibição,
Já estava tudo tentado . . .

Quem canta os males espanta,
Exulto-se, *sonophonica*,
A minha vizinha canta

Dão os bondes, à portia,
Um bom exemplo aos maridos:
Andam, desandam, de dia;
Ficam, de noite, impedidos . . .

Chegou maio, o mez das flores,
Dos hymnos castos e bentos,
Ou, por outra mez . . . de amôres,
Introito de casamentos.

Ninguém nessa quadra veja
Uma intriga, que não feço,
Pois, o que finda na igreja
Deve, ah!, ter seu começo . . .



A interessante Lysette, filhinha do sr.
Mannuel B. Dantas

Cocóta pegou Jack Neves,
Passou-lhe uma *esfregadeira*.
Em cinco minutos breves,
E quebrou-lhe uma costella.

Venceu mais no *Rio Branco*.
Cocóta, dessa maneira,
Se não encontrar um branco,
Vencerá a Africa inteira . . .

O exame pre-nupcial
Que exige o dr. Elpidio,
É para o bem do casal,
Mas provocará dissidio . . .

Soffrerá elle o demónio,
Se de opinião não muda,
Pois prohibe o matrimonio
A toda «mulher pellada» . . .

Ha furtos — ouve-se a grita —
E a policia não se importa.
Mas, o ladrão se limita,

Wladimir Chicháin, o atleta,
Tem força que nem Saão,
E tem mais força *secreta*.
Que engendra revolução . . .

É logico e natural
Que, attento o seu fim funeres,
Saia o homem do hospital
E vá para o cemiterio.

Fazer, porém, o contrario
É ir de encontro ao destino,
Por um *queço* extraordinario,
Taquamente fez Germino . . .

3 de maio. No anno mil
E quinhentos, afinal,
Foi descoberto o Brasil
Por Pedro Alvares Cabral.

Um culto sincero e inflado
Presta-se a esse antepassado,
Porque, em nós descobrindo,
Descobriu . . . um feriado . . .

Dia 5. Dia santo!
Maio, és um mez idéal;
Não se trabalha e, entretanto,
Tem-se o ordenado mensal . . .

Sim, é proprio dos marmãos
Não ter boa catadura;
Mas, se você é *dos anjos*,
Trate os anjos com brandura!

O faminto do Amazonas
Um jejum de mezes soffre,
A' espera que os nossos *fonos*
Arhem a chave do cofre.

Enquanto aqui se arrecada
O dinheiro que se alcança,
Yssa gente desgraçada
Morre de fome e . . . esperança.

Para honra do nosso meio,
Muita boisa fica exhausta,
Mas muito coração cheio,
Em gloria de Italia Fausta.

Eis que volta a Sanitaría,
Sempre a promover conflicto,
Porque não mata *glinuria*,
Porque só mata . . . mosquito.

13 de maio. Esta data
Merece elogios francos,
Mas só é (preto da rata? . . .)
Festjada pelos brancos . . .

Nosso pão, disse-me um frade,
Invocando a intervenção
Da devida auctoridade,
Já é hostia, em vez de pão!

CARANHA, O VAQUEIRO.

Apiei-me do cavallo e, como marinheiro sem experiencia, sahi andando com pernas bambas, pernas dormentes, a contrahirem-se nervosas. Encostei-me a um tóco saliente, proximo á casa grande, onde residem os meus dois amigos, Manfredo e Jocelin Vellozo Borges, chefiando o movimento de sua fazenda com o apriimo, a sabedoria de homens sensatos, dispostos e emprehendedores.

—Já contava com esta desgraça... Pezar do *Russinho* ser baixeiro, estou maltratado para muitos dias, se não tiver até necessidade de ir á cama.

—Olha, Caranha, o que o moço disse Por-

a a séde cruel na sua expressão de deshumano horror.

Deante áquella scena triste, em que os meus sentidos pareciam reconstituir o quadro macabro dos sertanejos famintos, fiquei a matistar em meio duma dór instantanea, albeio em absoluto á grandera da paesagem linda, a descobrir-se radiosa á minha frente, enfeitada pelos reforços da Borburema, reforços heraldicos, recortados aqui e alli pelas filias symmetricas, filias elegantes de leirões floridos.

Sim, devia ser cruciante, áquella hora de vibração, ouvir-se o *grú-grú* de gargantas estarecidas pela ausencia de saliva, á maneira crua

do mais um lamento dessa gente que não sabe protestar e que não tem gosto para nada.

Dizendo taes coisas, tinha apenas por intuito irritar a paciencia do vaqueiro, a fim de que elle explodisse de qualquer modo, com tanto que explodisse, e me revelasse qual o pericólo juizo que fazia daquelle mundo solitario, mundo formoso na maravilha de sua natureza, natureza expressiva no mysterioso encanto das terras ubertosas.

E continuei, trímoso :

—Creio que não supporto isto nem por mais uma semana. Qual! Habituei-me a ver e a participar do que é bom. Já não aguento mesmo a pasmaçeira desse povo, povo habituado a viver sem conforto, ignorando as gratas distrações da vida, ignorando as divinas bellezas que ella tão bem nos sabe inspirar na delicia dos sagrados instantes... Aqui não se vive, uma miseria, uma calamidade! Você, Caranha, devia ir para a cidade, devia abandonar este ambiente tristonho, este fim de mundo, sitio lugubre, hediondo logar. E silencie, calmo, reparando no effeito de minhas palavras.

Os olhos do fiel vaqueiro brilhavam estranhos, reflectindo bem o que se passava de extraordinario no interior de su'alma rustica, alma envelhecida naquelle regaço de doçuras, onde tudo me dava a impressão vivaz de conspirar para a eternidade contemplativa do mesmo estado de coisas.

Caranha, tirando a attenção de mim, começou de fazer na areia fulva, com o cabo do chicote, uns arabescos indecifráveis, arabescos em cujas linhas desencontradas divisava eu qualquer traço de complexa e surpreendente significação pessoal.

Não se contendo mais, falou arrastado :

—O moço deve girar pela casa dos dezoito annos, não é?

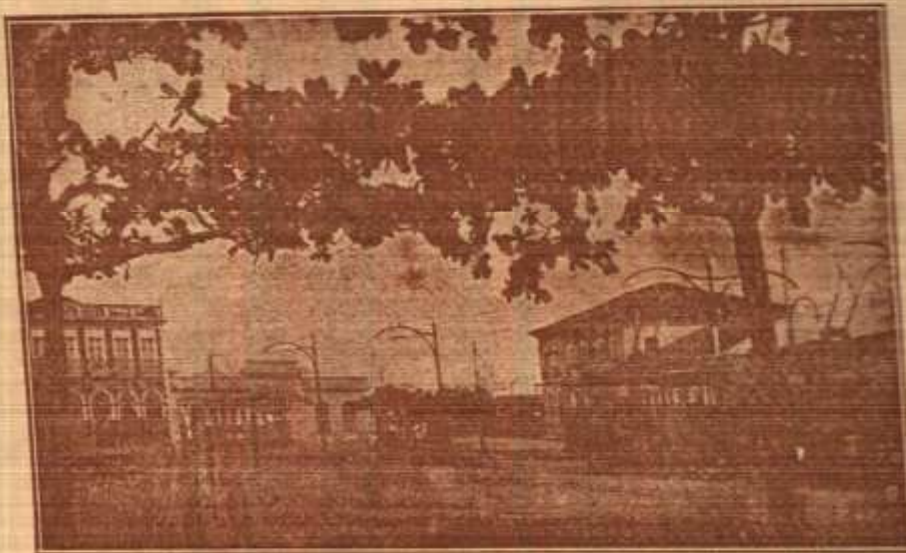
—Porque?

—Conheço a força do tempo nas edades do homem. Já fui também menino e rapaz. Hoje —e fez uma ligeira pausa—hoje, hoje o que vale, o que vem a ser esta carcassa? —E olhou-se todo—Até os vinte e cinco, embora um pouco surrado já, falei muito, dizia por via disto ou daquillo um feixe assim, assim—Estirando os braços—de asneiras e mais asneiras, *imploradoras de chicote e perno.*

—O que quer você dizer com isto?

—Quero dizer que é a vez primeira que vosmicê vem a estas bandas. E é pena. Não pôde avaliar quanto isto é bonito. Só vivo bem quando estou como estou aqui, vestido de couro, correndo atraz dos boiotos, a perder-me pelo matão afóra,

Um dia o *majó*, que a Providencia lhe dá



PRAÇA ALVARO MACHADO

que não está costumado a *navegá* já pensa que vai cair doente—*quá-quá-quá-quá*—E ri a bocca sem dentes do Mathias.

—Ahn! Eu sempre desconfiei que esses *doutô* da praça não aguentam repuxo; eu sempre disse; quanto mais se elle, hein Mathias! fosse com *nós* para o matto pegar boi safado.

No outro dia, após o lanche e três banhos frios, que me tiraram parte da ressaca, fui para a alegria do campo fazer-me companheiro dos meus dois bons amigos. Lá no pé da serra, serra de esmeralda, banhada por um sol de ouro e febre, elles fiscalizavam attentos o *serviço da lavoura*, empenhados como se achavam com o successo da proxima safra de algodão, milho e arroz.

Em meio da estrada vermelha, passando por uma porteira das muitas que reparam o gracioso caminho, encontrei-me com uma turma de trabalhadores ruraes. Lombo a descoberto, pipocado pelo intenso calor do meio-

do que continuamente acontece nas campinas torridas do sertão a dentro. Mergulhado em tão rapidas quão tristes cogitações, mal percebia a pressura curiosa com que de mim se approximava um viajante de gibão e relho, relho enfeitado todo de *nós* artisticos. Trazia chapéo com tiras de couro. Numa olnhadela vesga, reconheci a figura magra e esguia do João Caranha. Timido, intelligente, muito ceremonioso, convidou-me a deixar o cavallo para um descanso necessario.

—Está longe ainda?

—E' alli, um bocadinho mais adiante.

Cavou-se um bizarro silencio entre nós dois. Por fim tentei :

—Você parece que é doido por essa vida daqui, não?

—!?

—Também eu não sei como se pôde tolerar essa calma tanto tempo. A luz ainda é de azeite de carrapato. Não se dança, não se *batuca* e só um *arrapato*, que por outra, um *carrado-boi* gemendo, ora fino, ora grosso, parecen-

muita ventura, mandou-me para a cidade, por que eu estava com uns reumathismos e precisava de ouvir as falas do medico. E lá fui eu certa manhã, dentro do trem, sentado, sem ter liberdade, a tirar sem descanso o cartão de passagem para o conductor fazer buracos. Cheguei á tarde na praça. Uma confusão medonha quando o trem parou. Não tive duvidas, apanhei o meu sacco e cahi fóra, tonto, meio preguiçoso. Na estação tinha gente me esperando e se não fosse isso... Atrapalhado, segui para o hotel, hotel desgraçado, onde não comia, estirado numa esteira, dias e dias, machucado pelo desejo de voltar logo. Prompto o serviço que de nada prestou, naveguei de volta para

caminho, piando, cantando com a sagrada innocencia de sua alegria.

—Não era tudo, e como eu ia dizendo...

—Vá, vá dizendo, que estou ouvindo.

—Em noites de lua cheia, quando a luz batia de cara sobre aquella serra, aquella alli, os rapazes formavam um desafio ao choro da viola. As morenas ferviam todas de amor. Oh! o meu tempinho que Deus levou! Nunca fui desbancado na resposta ao pé da lingua. Por isso era querido. Só de uma feita arranjei para os meus peccados três pares de olhos a pegarem de fôgo accêso. Ia em visita a todos e, porque andava acordado, nem disconflaram nunca de mim! Ora, quem levou uma vida desta não

Poetas da abolição

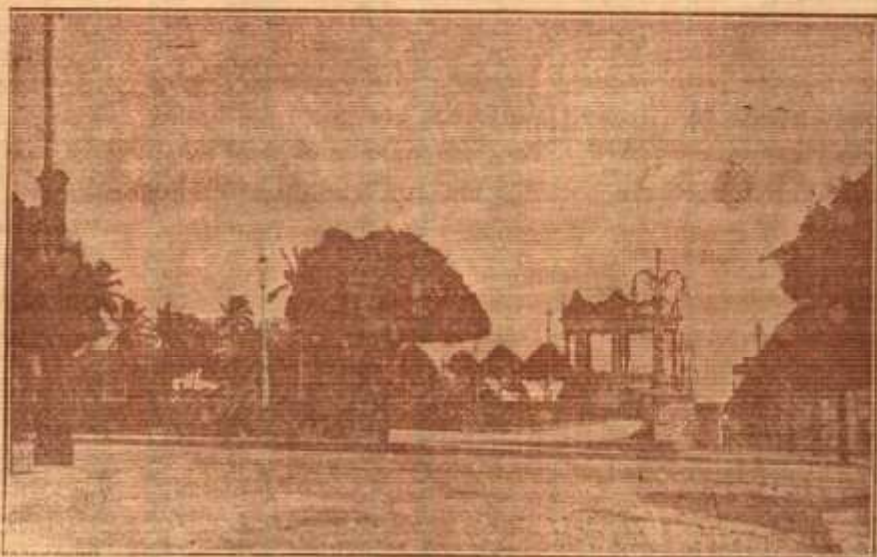
Realizou-se ás 14 horas de ante-hontem, no salão nobre do Lyceu Parahybano, a 2ª conferencia promovida pelo centro literario 24 de Março.

Foi o conferencista o nosso scintillante collaborador dr. José de Almeida. A sua palavra, trabalhada com terno carinho á lingua, imprimiu no numeroso e selecto auditorio o maior entusiasmo e mais intensa confiança.

A conferencia primou pela correnteza de expressão, fluencia de linguagem, elegancia de conceitos, e, sobretudo, pela empolgante originalidade do thema. Estudando o poder emotivo da arte ante as grandes reformas sociais, mostrou-nos com a bella ductibilidade de seu talento primoroso o quanto foram util á abolição o fôgo das suggestões lyricas e as lagrimas sinceras dos poetas de acção.

Ademais passaram e perpassaram por toda a intensa e seivosa peça o perfume ameno de sua ironia a Renan e ao mesmo tempo a seriedade doutrinaria de theorias de arte, moral, e esthetica. Foi, emfim, a voz do mestre para a juventude e velhos.

No proximo numero, por nimia gentileza do auctor, publicando *poetas da abolição* daremos á nossas columnas o prestigio de suas palavras de prosador e estylista.



PRAÇA VENANCIO NEIVA

cá. Garanto-lhe, meu mocinho, que ninguém mais me arrancará deste paraíso de todos os meus amores.

—Assim?—Mostrava-me muito interessado.

—Ha treze annos que lá não vou e não irei nunca, mais nunca.

—E' porque você não sabe o que é agradável.

—Quá, duvido que na cidade se passe melhor. Eu também já brinquei a valer. Assim na phase de vósmicé, organisava aqui uns bailes de estrondo. Depois da feira, aos sabbados, elles começavam, terminando na segunda de manhã. O Mané de França, nesse tempo um moleque arisco, bichinho damnado, era quem tocava no harmonio como gente grande. Os dias passam tão depressa a geito de parecer que foi hontem. Quando não queria metter-me nas brincadeiras, ia de noite para a matta fechada, com os companheiros, e lá pela madrugada escura entrava no serviço bom de apartar o gado.

—Vamos andando, Caranha.

Montámos rapidos e seguimos envolvidos pela poeira, enquanto a séla rangia, enquanto a barriga dos cavallos roncava, e os passaros a voarem de um lado para outro do sinuoso

póde nem ter mais tanta vontade assim para coisa alguma. O moço não imagina como estou bem com a sorte que Deus me deu.

—Acredito no que diz só porque você está deixando as lagrimas cahirem.

—Não tenho cuidado em nada. Os meus filhos estão creados e já me ajudam no eito. Por costume de trabalhar, não deixo de montar nesse meu velho amigo. Gosto de dar as minhas voltas pelo campo, solto, folgado, voltas para vêr o que os meus olhos cansados não se cansaram ainda de olhar.

Havíamos chegado. Era dia de *junta*. Todos trabalhavam com a enxada sob um sol terrível. Caranha despediu-se e continuou o seu passeio, rindo, espiando-me com sympathia, a dizer baixo qualquer coisa que o vento da tarde levava. Jamais me encontrei na vida com uma creatura tão ingenua e tão amavel. A sua philosophia era toda pessoal, instinctiva, sincera. Talvez para felicidade sua não sabia lêr, pois era como os outros, um analfabeto irremediavel. Na sua expressão: nascêra *imprevidido* com as letras...

ADHEMAR VIDAL.

Numa roda elegante, em que se falava dos terríveis effeitos da gripe epidemica, disse conhecido cavalheiro bastante relacionado em o nosso meio social: a mim, a *hespanhola* me atacou de maneira tão violenta, que cheguei a ficar completamente amalucado.

—E o sr. já ficou bom, perguntara *mille*, cheia de malicia.

Boletim Policial

Na ultima quizena do mez passado sabiu das officinas graphicas da Imprensa Official o Boletim Policial elaborado pelo dr. Dias Junior, zeloso director do nosso Gabinete de Identificação.

A publicação a que nos estamos referindo, além de ter uma feição material elegante, traz collaborações dos srs. drs. Antonio Quedes, José de Almeida, Luna Pedrosa, José Rodrigues e Dias Junior. No seu texto vêm-se *dichês* dos drs. Epitacio Pessoa, Solon de Lucena, Democrito de Almeida e varios outros.

O assumpto sobre que versa aquella publicação é todo vasado em conhecimentos juridicos e publica ainda a estatistica da criminalidade de nosso Estado.

O numero a que nos referimos é relativo aos quatro primeiros mezes do corrente anno.

Fazendo votos pelo futuro daquella util publicação, felicitamos ao dr. Dias Junior pelo exito alcançado no primeiro numero do Boletim Policial, devido unicamente aos esforços de s. s.

CARLOS D. FERNANDES

Ao caro Celso Mariz
 affectuosamente

ARBOS SAPIENS

(INEDITO)

Já nas mãos te tomei verdoengo fructo
E despido da polpa substancial,
Semente, o germen vivido, impolluto
Te ascoltei no mysterio vegetal.

Muito em breve, no proximo noivado,
Terás a coma rebentada em flôr
E o teu epithalamio celebrado,
Cantado em dulcias pelo proprio amôr.

Depois de flôr e pomo, te tornaste
Em caroço, envoltorio do embryão,
E immovel, por dois mezes, repousaste
Na cova rasa, que te abri no chão.

Toda a força vital, que inunda o espaço,
Convergirã subtil nos galhos teus,
Infundindo-te seiva no regaço,
Infiltrando-te o halito de Deus.

Corre o espaço brevissimo de um anno:
Eis-te vergontea airosa e juvenil.
Oh! milagroso, sempiterno arcano
Das virgens bodas de Pomona e Abril!

E tu, *mater multipara*, inviolada,
Sorrindo ao matinal, fresco arrebol,
Sustentarás, nos ramos pendurada,
A immensa prole, que amadura ao sol.

Hoje, arvore adulta e magestosa,
Para os subidos céos a bracejar,
Te chlorophilas com a luz radiosa,
Sorves com os teus estomatos o ar.

Essas tuas ramagens redivivas
Hão de na Primavera refflorir,
Em gerações continuas, successivas,
Alheias ao preterito e ao porvir...

Destranças no ether tua espessa fronde,
Casta noiva pulcherrima e feliz,
Abrigando toda a área, em que se esconde
A diligente e sôffrega raiz.

Como somos nós dois tão differentes!
Presumptivo *homo-sapiens*, si de mim!
Não dei sombra, nem fructos, nem sementes,
Tu, sim, que és sabia, arvore, tu sim!...



RUY BARBOSA

O briaréo da palavra falada e escripta

Para o coração, pois, não ha passado, nem futuro, nem ausencia. Ausencia, preterito e porvir, tudo lhe é actualidade, tudo presença. Mas presença animada e vivente, palpitante e creadora, neste regaço interior, onde os mortos renascem, prenascem os vindouros, e os distanciadõs se ajuntam, ao influxo de um talisman, pelo qual, nesse mágico microcosmo de maravilhas, encerrado na breve arca de um peito humano, cabe, em evocações de cada instante, a humanidade toda e a mesma eternidade.

A maior de quantas distancias logre a imaginação conceber, é a da morte; e nem esta separa entre si os que a terrivel afastadora de homiens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não vemos, nesse fundo obscuro e remotissimo, uma imagem cara? quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente, ou melancolica, alvoroçada ou inquieta, severa, ou carinhosa, trazendo-nos o balsamo, ou o conselho, a promessa, ou o desengano, a recompensa, ou o castigo, o aviso da fatalidade, ou os presagios do bom agouro? Quantas não nos vêm conversar, affavel e tranquilla, ou pressurosa e sobresaltada, com o affago nas mãos, a doçura na bocca, a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, limpida ou carregada, e lhe sahimos do contacto, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidado e pesadume, ora cheios de novas inspirações, e scismando, para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leaes companheiros de além-mundo, e com elles renovar a pratica interrompida, ou instar com elles por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstea de luz, um traço do que por lá se sabe, e aqui se ignora?

Se não ha, po's, abysmo entre duas épocas, nem mesmo a voragem final desta á outra vida, que não transponha á mutua attracção de duas almas, não pôde haver, na mesquinha superficie do globo terrestre, espaços, que não vença, com os instantaneos de presteza das vibrações luminosas, esse fluido incomparavel, por onde se realiza, na esphera das communicações immateriaes, a maravilha da photographia á distancia no mundo positivo da industria moderna.

Tão pouco medeia do Rio a São Paulo! Por que não conseguiremos enxergar de um e outro cabo numa linha tão curta? Tentemos. Vejamos. Estendamos as mãos entre os dois pontos que a limitam. Deste áquelle já se estabeleceu a corrente. Rápida como o pensamento, corre a emanação magnetica desta extremidade á opposta. As mãos lá se encontra-

ram. Já num aperto se confundiram as mãos, que se procuravam. Já, num amplexo de todos, nos abraçamos uns aos outros. Em São Paulo estamos. Conversemos, amigos, de presença a presença.

AS TRES VERDADES

Entrelaçando a collação do vosso grão com a commemoração jubilar da minha, e dando-me a honra de vos ser eu paronympho, urdistes, desta maneira, no ingresso á carreira que adoptaste, um como vínculo sagrado entre a vossa existencia intellectual, que se enceta, e a do vosso padrinho em letras, que se acerca do seu termo. Do occaso de uma surge o arrebol da outra.

Mercê, porém, de circumstancias inopinadas, com o encérro do meu meio seculo de trabalho na jurisprudencia se ajusta o remate dos meus cinquenta annos de serviços á nação. Já o jurista começava a olhar com os primeiros toques de saudade para o instrumento, que, ha dez lustros, lhe vibra entre os dedos, lidando pelo direito, quando a consciencia lhe mandou que despisse as modestas armas da sua luta provavelmente inutil, pela grandeza da patria e suas liberdades no parlamento.

Essa remoção da metade total de um seculo de vida laboriosa para o desentulho do tempo não se podia consummar sem ahaio sensivel numa existencia repentinamente decepada. Mas a commoção foi salutar; porque o espirito encontrou logo o seu equilibrio na convicção de que, afinal, me chegava a conhecer a mim mesmo, reconhecendo a escassez de minhas reservas de energia, para accommodar o ambiente da época ás minhas idéas de reconciliação da politica nacional com o regimen republicano.

Era presumpção, era temeridade, era inconsciencia insistir na insana pretensão da minha fraqueza. Só um predestinado poderia arrostar empresa tamanha. Desde 1892 me empenhava eu em lutar com esses mares e ventos. Não os venci. Venceram-me elles a mim. Era natural. Deus nos dá sempre mais do que merecemos. Já me não era pouco a graça, pela qual erguia as mãos ao céu, de abrir os olhos á realidade evidente da minha impotencia, e poder recolher as velas, navegante desenganado, antes que o nsufragio me arrancasse das mãos a bandeira sagrada.

Tenho o consolo de haver dado ao meu paiz tudo o que me estava ao alcance: a desambição, a pureza, a sinceridade, os excessos de actividade incansavel, com que, desde os bancos academicos, o servi-

Por isso me sahi da longa odyssea sem creditos de Ulysses. Mas, se o não sube imitar nas artes medrançosas de politico fertil em meios e manhas, em compensação tudo envi-dei por inculcar ao povo os costumes da liberdade e á republica as leis do boni govêrno, que prosperam os Estados, moralizam as sociedades e honram as nações.

Preguei, demonstrei, honrei a verdade eleitoral, a verdade constitucional, a verdade republicana. Pobres clientes, estes, entre nós, sem arma, nem ouro, nem consideração, mas achavam, entre uma nacionalidade esmorecida e indifferente, nos titulos rôtos do seu direito, com que habilitar o mísero advogado a sustentar-lhes com alma, com dignidade, com sobrançeria as desprezadas reivindicaciones. As tres verdades não podiam alcançar melhor sentença no tribunal da corrupção politica, do que o Deus vivo no de Pilatos.

Quem por uma causa destas combateu, abraçado com ella, em vinte e oito annos da sua Via Dolorosa, não se pôde ter habituado a maldizer, senão a perdoar nem a descrer, senão a esperar. Descrer da cegueira humana, sim, mas da Providencia, fatal nas suas soluções, bem que tarda nos seus passos, isso nunca.

Assim que a benção do paronympho não traz fel. Não lhe encontrareis no fundo nem rancor, nem azedume, nem despeito. Os maus só lhe inspiram tristeza e piedade. Só o mal é o que o inflamma em odio. Porque o odio ao mal é amor do bem, e a ira contra o mal, entusiasmo divino. Vêde Jesus despejando os vendilhões do templo e Jesus provando a esponja amarga no Golgotha. Não são o mesmo Christo esse ensanguentado Jesus do Calvario e aquel'outro, o Jesus irroso, o Jesus armado, o Jesus do látego, inexoravel? Não serão um só Jesus o que morre pelos bons, e o que açoita os maus?

O padre Manoel Bernardes pregava, numa das suas *Silvas*:

•Bem pôde haver ira, sem haver peccado. *I rascimini, et nolite peccare.* E ás vezes poderá haver peccado, se não houver ira; porquanto a paciencia e silencio fomentam a negligencia dos maus, e tentam a perseverancia dos bons. *Qui cum causa non irascitur, peccat* (diz um padre); *patientia enim irrationabilis vitia seminat, negligenciam nutrit, et non solum malos, sed etiam bonos invitat ad malum.* Nem o irar-se nestes termos é contra a mansidão; porque esta virtude comprehende dois actos: um é reprimir a ira, quando é desordenada; outro, excita-la, quando convem.

A ira se compara ao cão, que ao ladrão ladra, ao senhor festeja, ao hospede não festeja, nem ladra: e sempre faz o seu officio. E assim quem se agasta nas occasiões, e contra as pessoas que convem agastar-se, bem pôde, com tudo isso, ser verdadeiramente manso. *Qui igitur* (disse o Philosopho) *ad quae oportet, et quibus oportet irascitur, laudatur, esseque is mansuetus potest.* (1)

Nem toda ira, pois, é maldade; porque a ira, se, as mais das vezes, rebenta aggressiva e dâmninha, muitas outras, opportuna e necessaria, constitue o especifico da cura. Ora deriva da tentação infernal, ora de inspiração religiosa. Communmente se accende em sentimentos deshumanos e paixões cruéis, mas não raro flammeja do amor santo e da verda-

deira caridade. Quando um braveja contra o bem, que não entende, ou que o contraria, é odio irroso, ou ira odienta. Quando verbera o escândalo, a brutalidade, ou o orgulho, não é aggressão rude, mas exaltação virtuosa; não é soberba, que explode, mas indignação que illumina; não é raiva desajustada, mas indignação fraterna. Então não sómente não pecca o que se irar, mas peccará, não se irando. Colera será; mas colera da mansuetude, colera da justiça, colera que reflecte a de Deus, face tambem ceeste do amor, da misericordia e da santidade.

(Continúa)

(1) *Luz e Calor*—1.ª ed. 1696. Paginas 271, 272, § XVIII.

DO WAGON N.º 45

A ti, ó doce creatura esgula, que me prendes a alma em sonho, pelas tardes sombrias, á hora do crepusculo, para a tua emoção, para a tua sensibilidade, para a tua alma.

ALFREDO SILVEIRA

Minha encantadora amiga:

Quando foi do nosso afastamento você me pediu que lhe escrevesse, toda vez que o tempo permitisse, algumas linhas. Escrevi-lhe muitas, innumeradas, um incalculavel numero de linhas. Ellas lhe foram sendo endereçadas primeiro de Parahyba, mesmo depois de Cabedello, em seguida de bordo, ainda de Recife e por ultimo de Maceió, onde eu me encontrava ha oito longos dias, longe de você, longe dos meus, tendo apenas para conforto, de uma vez por outra e quando o serviço postal o permitia, uma sua carta, cheia de expressões confortadoras, animando-me e encorajando-me para a victoria. Cumpri, pois, o seu pedido. E, agora que deixo as Alagôas, ansioso por voltar a me approximar dos meus e de você, quizo destino que o meio de transporte que eu encontrasse neste domingo, sem chuvas, de abril, fôsse um desses intoleraveis combolos da Great Western. Você, minha encantadora amiga, ha de conhecer e eu tenho a certeza que conhece, esses wagons da Great Western empoeirados e antihygienicos, um pouco peiores do que aquelles da Central do Brasil.

Pois, é do carro-restaurant, numero 45, que faço esta linha que você lerá, num instante que sobrar dos seus affazeres. Mando lhe para que você leia e depois lhe dê o destino que julgar conveniente. São ligeiras impressões de uma viagem que me dá a impressão de que se pode referir a paisagem verde dos campos e as ha-

bitações que marginam a estrada com os seus aspectos de interessante curiosidade. Nas paradas do comboio é o espectáculo desolador e em nada recommendavel da chusma de pedintes e esmolando caridade de uns e de outros. Que cousa triste minha amiga. Como você, sabe e alguém já disse—Paulo Barreto supponho—a ignomina social é de pedir. Pedir degrada. Degradou até Christovão Colombo. Mas ha tambem o sentimento da piedade em nada elegante. Mas nós fomos educados assim. Quasi sempre tendo, damos a quem nos pede. Deixo, contudo, a observação. Sei que você, caridosa como é, concordará todavia conmigo, A' seguir são as "gaffes", de alguns passageiros que almoçam ao meu lado. Aliás hoje em dia a "gaffe" tomou as proporções de uma instituição nacional. Ella anda até na alta sociedade. Não será por isto para extranhar que meu vizinho da direita troque as funções do garfo pela faca... Muito peor é o caso original que eu conheço de um moço elegante que numa mesa de banquete efficial depoz o guardanapo no collarinho... Mas continuando. Faz um calor horrivelmente importuno e incommodo. A que horas chegaremos em Recife?—No horario 19 e 40. Mas no horario não se concebe que tal aconteça. Estaremos em Cinco Pontas até meia noite, informa-nos alguém. E tem você ahi minha encantadora amiga o que lhe posso mandar dizer nestas ultimas folhas de papel de um verde muito claro, cor da esperanza, com as quaes termina o meu "block", destinado a estas viagens distantes de você e dos meus.

Com o melhor respeito e admiração.

ALFREDO SILVEIRA

PARADOXOS DE SALOMÉ

Terminara o rag-time.

Procurei Salomé por entre o ruído das taças e as espiraes de fumo.

Encontrei-a, com a vivacidade de louca nos olhos grandes e bellos, bebendo com contrações de tristeza nos labios ironicos, cabelos



desordenados de oriental e a suavidade preguiçosa de seus gestos lentos.

"Estou desapontada, meu amigo. Os homens perderam a elegancia moral.

Não sabem amar, morreu-lhe a belleza aristocrata de seus sentimentos. E mesmo o scitido de crear uma arte, de fazer o prazer e gozar a felicidade e não existir. Porque tudo isto se adquire com sonhos, e a volupia brutal da sciencia destruiu a poesia das puras attitudes. Todos olham-me como um caso clinico. Não lhes impressiona o desvario do meu amor, mas a hysteria de meus nervos. E mais, obrigam-me a trahir os meus desejos, matar a minha sinceridade e cobrir o meu instinto. E inventam lendas como Wilde e musicam-me a vida e as loucuras como Strauss. Tudo isto incolor e vulgar ante o côro suave e ceeste das harpas de Herodes, o murmuro das palmeiras e o lamento dos passaros do Jardim de Herodiade.

Como elles são communs, querendo originalidades!... Falam do meu amante eterno como de uma ingenua victima.

Ignoram que eu lhe beije a bocca viva, e bebi-lhe o perfume de seus longos cabellos pretos. Depois o mataram. Então, comecei a dansar, tendo dentro do meu espirito e dos meus seios o calor de sua carne e o palpitar ansioso de sua volupia. Fui á dansa dos rythmos, dos milagres e dos sonhos. Amaram-me como uma illusão, um mytho, uma mentira. E eu odiei as exigencias desgraçadas dos homens.

O primeiro tempo e meu Salomé. Então, lhe um joven pallido,

Ella respondeu com um sorriso e continuou com tristeza :

«F. nem ao menos me pedem o *ballado erotico das chammãs* e a *dansa espirital* dos sete véôs?... A *dansa* em que a *plastica* se desdobra e a *intelligencia* acompanha o entusiasmo dos sentidos, a arte dos movimentos musicados vive perdida pelos paicos como uma velharia classica. Os homens preferem os *films* que estão mais com os seus cerebros ôcos.

O talento de encantar, do extase emocional reside nos *bancos*, enquanto murcham no atelier os artistas sinceros. Nada da morosidade sonora dos gestos, das caricias ligeiras, do silencio e da beatitude.

O homem animal que sente retroceder ao

anthropoide tumultuoso da caverna. A *dansa* sempre foi o espelho de uma civilização. Quando quizer comprehender um povo, o seu caracter, o poder de suas emoções peça-lhe um *ballado*.

Quem nos fala da Grecia com mais impetuosidade do que a cadencia carnal de suas mulheres? Da morosa e intima voluptuosidade oriental, sô as suas *dansas* nos dão todos os tons de vida e expressão de gosto. E' por isto que ofto a degradação artistica do homem moderno pelo sensualismo sem a intelligencia de sua choreographia. Fugiu com Gaby a arte divina dos deuses. Americanisaram o amor e a esthetica. O *rag-time* sem alma e o *fox-trots* selvagem dizem-nos, dolorosamente.

Olhe este impeto mal educado com que elles se juntam, procurando um gozo incompleto, em movimento.

Sou um symbolo forte de resistencia, immortaliso o fascinio e a graça da antiguidade, supportando o martyrio humano de fingir e de enganar.

A orchestra rompeu num tango, quasi mixixe. Salomé saiu arrastada pelo joven elegante de casaca. Perdida, por entre os pares violentos e ligeiros, toda de gazzi azul, sem que ninguém comprehendesse a cruel magna de seus olhos molhados e a expressão de profundo despreso de seus labios irreverentes.

J. LINS DO REGO

DE PASSAGEM...

IV

Logo após a sua publicação, eu lera em jornaes do Rio, referencias lisongeiras e, vejo agora, muito merecidas ao *Coivara*, do dr. Gastão Cruis.

Esse cavalheiro, já o sabe grande parte da nossa população, aqui chegára aos 22 dias de abril findo, fazendo parte da Commissão de Sancamento e Prophylaxia Rural, que opera entre nós, dando caça aos mosquitos e combate ás verminoses em geral.

O *Coivara* cahiu-me ás mãos trazido pessoalmente pelo seu autor, meu «irmão de opa» e agora companheiro nesse grande trabalho de saneamento que se agita no sólo patrio e que, graças aos bons falos, chegou afinal até a nossa Felippéa.

Após a retirada do illustre visitante, entrei soffrego a folhear o seu livro, consultando ao indíe, lendo trechos dos excellentes contos que o compõem, no enfeixe total de 296 paginas.

Tudo isso eu fazia como quem examina um objecto de valor que se deseja adquirir, ou escolhe numa mesa de finas iguarias o pratinho que mais appeteece, ou está mais de accôrdo com o regime adoptado por força ou exigencia de sua diathese.

O primeiro prato, quero dizer, o primeiro conto, a ser por mim devorado foi o IX e ultimo, interessante e longa historia d'*A Neurasthenia do Professor Philomeno*.

«Ah!, eu recordei todo o passado de minha vida clinica, com pequenas variantes dos ricos presentes de guarda-chuvas e bengalas com castão de ouro, preciosos mimos que não chegam a nos resguardar dos vermes da maledecencia, do piolho da ambição, dos germens da ingratição, dos bacillos da inveja e dos microbios da intriga,—velhos males sociaes que nem a therapeutica experimental, nem a hygiene moderna e nem a prophylaxia systematica conseguirão remediar!...

Mas, o conto III, burilado a capricho, por um mestre do officio, causa arrepios, impressiona e commove até ás lagrimas a quem o lê!

As quatro iniciaes—G. C. P. A.—que lhe dão o titulo, não chamam a attenção do leitor,



EVANDRO GLAUCIO
Filhinho do pharm. Assis e Silva, nosso
distincto collaborador.

parecendo tratar-se de um simples caso de analphabetismo,—d'esses que tanto scandalizam á sociedade e desmoralisam qualquer nação aos olhos... aos olhos do mundo culto.

Ah! que transe de horror e apprehensões do pobre Sylvino, vendo —o seu corpo trans-

formado em material de estudo», cercado de moços, que ás vezes, em galhofa, lhe faziam perguntas repetidas e impertinentes, indagando curiosamente de toda a sua vida, tudo, porém, no interesse da sciencia, no desejo de acrritar para futuras conquistas.

Ao Sylvino, que fóra enfermeiro, e chegára a se assenhorear dos segredos, das convenções, da *chave* dos seus superiores, não escapára o apparatus d'aquella celebre lição do professor Rodrigues, no Amphitheatro, e os propositos reservados do interno Castro.

Tudo ouvira, nenhum movimento perdéra, acompanhára todos os passos do interno, até que, no mais triste dos desenganos, conseguira ter a sua sentença fatal:—«... o lapis vermelho, em um dos cantos da papelêta, lá estava a abreviatura sinistra, almenura de morte: G. C. P. A.» o que vale dizer: *Guarda o cadaver para autopsia*.

A idéa de ser esquarterado, serviço que tantas vezes Sylvino auxiliára, causara-lhe tanto horror, como se tivesse elle de subir á forca, ou se tivesse de ser lançado em uma fogueira, em meio de gritos e protestos de um condemnado.

«Os seus restos não iriam ter ao esfoladouro!»

E lá um dia, depois de haver concertado o seu plano de defesa, illudindo a vigilancia do pessoal de serviço, Sylvino poz-se em fuga, certo de que «os morticoeios já se não banqueteariam mais sobre as suas carnes».

Uma vez na rua, o ex-enfermeiro, portador da molestia de Addison, dirigiu-se cautelosamente para o mar, onde, antes de se lançar, pensára, se lamentára, recordára a sua vida entre enfermos e irmãs de caridade, no meio de gemidos e exhortações, preferindo alli morrer, do que no hospital, offerecendo uma excellent observação á these de doutoramento do interno Castro!

Mas, a sorte tem, conforme se diz, os seus caprichos, como o destino as suas leis soberanas e irrevogaveis!

Decorridos três dias, «já de calcanhares roídos, o ventre bojante e marbado, as orbitas

sias, com a mesma indiferença com que o
avia tragado, o mar devolveu o á praia.
E aquillo que fizera o seu ultimo supplicio

As nossas instituições de beneficencia

ERA NOVA

sias, com a mesma indiferença com que o
avia tragado, o mar devolveu o á praia.
E aquillo que fizera o seu ultimo supplicio
constituira o seu ultimo pesadello—a idéa
a autopsia—se realizára, afinal, conforme os
esejos do interno Castro, apesar dos protes-
tos mudos, mas bem comprehendidos, da vi-
tima da molestia de Addison.

—Este conto de Gastão Cruls, vasado como
todo o resto do livro, apparecido em 1920,
em estylo formoso e convidativo, de algum
modo abalou-me os nervos, feriu me a alma,
alanceou me o coração.

Eu recordei nesse momento toda a minha
vida de academico, lembrei-me de todos aquel-
les quadros trazidos para a teta viva da reali-
dade, ao tempo em que pontificavam na Fa-
culdade de Medicina do Rio de Janeiro, os pro-
fessores Torres Homem, Martins Costa,
Francisco de Castro, Barão de Saboya, Oscar
Bulhões, já fallecidos, Nuno de Andrade e Ro-
cha Faria, ainda vivos, e outros.

Dois casos bem approximados ao de Sylvino,
poderia eu citar, com todos os pormenores,
occorridos em o meu 5.^o anno.

Dos livros deste genero, nenhum mais agra-
dou ao meu paladar, mais se accomodou ao
meu espirito do que o *Coivara*.

Nem mesmo os *Pequenos Males* do profes-
sor A. Austregesilo têm maior seducção e do-
cura, maior colorido e encanto.

O auctor do *Coivara* está fadado a enrique-
cer a litteratura nacional, com a sua imagina-
ção de artista, apanhando os factos e compon-
do a obra, como se estivesse a reunir as peças
de u'a machina complicada, ou mesmo de um
esqueleto todo desarticulado.

OIL

MAIO EM FLÔRES

*No Album primoroso da gentil
Senhorita Cynira Maranhão, cujo
anniversario natalicio passa a 21
de maio.*

Maio formoso! Mez em que nasceste!
Cheio de graça e vivos esplendores...
Em maio, entre alleluias, recebestes
A sagração das aves e das flôres!

Quando á luz do viver appareceste
Do Sol de maio aos limpidos fulgôres,
Na vossa alma castissima acollestes,
As canções virginaes dos trovadores!

Cantaram poetas de harpas de esmeralda,
Sonoros poemas! Genios bons teceram
Para adornar-vos rutila grinalda!...

Por isso em maio, ôh noites peregrinas!

As nossas instituições de beneficencia

O ORPHANATO D. ULRICO

Se alguém se abalancar, um dia, a tarefa
mais rude que jamais houve de confrontar as
civilizações de cada povo, estado ou nação,
por certo hajamos que caberá á Parahyba, as-
sim pequena, humilde e quase desconhecida,
posto dos mais honorificos.

Porque para isso há de valer, sobretudo, o

abrigo seguro para os orphãos e os desfavo-
recidos da sorte.

Mallogrou a primeira tentativa, feita do
tempo do saudoso Arthur Achilles, para se
dar effeito a ideal tamanho. Mas logo nos
surtiu avante Heracito Cavalcante que, met-
tendo hombros ao empreendimento nobilissi-



Desembargador HERACITO CAVALCANTI

esforço moral. E este, de facto, é ingente e
sobrehumano aqui.

Fazendo-se alardo das instituições e fontes
de vitalidade, quem não vê que a Parahyba
entra com o seu quinhão elevadissimo para o
progresso do mundo?

Não constituem immoredoiro padrão de
glorias para nossa gleba estes formosos insti-
tutos de beneficencia que são a Santa Casa, o
Asylo de Mendicidade, o Instituto de Prote-
ção e Assistencia á Infancia, o Orphanato D.
Ulrico, etc?

Cada um delles são mil falas a engrandece-
rem o nome da Parahyba.

mo, nos deu, em pouco mais de um lustro,
este monumento *des perenne* que jodos hoje
admiramos.

A' sua iniciativa, á sua tenacidade, e descort-
tino e sabia direcção deve a Parahyba este
instituto modelo, com seu predio confortavel
e hygienico, de tudo provido de agua e luz,
e modesto mobiliario, e com seu rico e bello
pomar—um mimo e encanto, de bem cuidado
que é.

Desde outubro findo, a instituição tomou
a si o encargo da educação de seis creanças
com as suas despesas...

Outro aspecto do sítio do Orphanato



Caixa da "ERA NOVA"

JAYME D'ALTAVILLA—(Alagôas)—A página dos poetas da «Era Nova», hoje, muito se envaedece com os seus versos.

ALICE — (capital) — Apesar de vivermos abarbadô's com trabalhos, folgamos de attender a v. exc., iniciando com seu conto, colaboração feminina que muita honra é para a nossa revista.

P. A. — (Bananeiras) — Até que enfim vae em letra de fôrma o seu soneto. Quanto ao *Pela instrução*, paciencia, não nos é possível publical-o agora, devido à affluencia de materia, já em consideravel atrazo.

EVA MARIA — (capital) — Santo Deus! V. exc. nem parece mulher... Que má... que injusta... Nós não fechamos as portas ao sexo feminino; se o não incluímos em o nosso quadro de colaboradores foi mais por falta de intimidade com as literatas patricias do que por má vontade de nossa parte.

Agora mesmo damos a lume o conto de Alice e, para maior estímulo, abrimos espaço à carta que v. exc. nos enviou:

«Illustres redactores da «Era Nova» — Achando-me a passeio no interior, só agora me foi dado o prazer de ler vossa mimosa

Primeiramente os meus mais sinceros parabens por tão feliz evento que marca — como diz o título — uma era nova em todo meio social que, — como é triste confessal-o! — não prima por amar ao que ha-de mais elevadô! — a arte!

Depois o meu solenne protesto em nome do meu sexo, já se vê — pelo despecho que nos deu a sua directoria não dignando convidar uma patricia para, ao lado de tantas pennas eruditas, offerecer aos seus leitores a leitura attrahente de uma chronica feminina! Por Deus, não nos atira este estygma: «não ha competentes!» Se Eudesia Vieira offuscou-se acorrentada pelos deveres domesticos, ahí estão: Rita Miranda, que não lhe é inferior, Albertina C. Lima, Angelina Baltar — violêta cujo perfume quanto mais se occulta tanto mais inebria — E. Silveira, que cursa o 4.º anno da E. Normal, e tantas que, talvez por falta de estímulo, deixam de elevar o nome de nossa terra pequenina e boa — EVA MARIA. — Parahyba, 27 — 4 — 21.»

J. K. (?) — É inutil insistir, estamos com a cesta cheia de versos ruins. Além disso só accetamos colaboração de pessoas extranhas ao quadro, quando solicitada.

ASSISTENCIA DENTARIA

BARATO! GARANTIDO! PERFEITO!

Rua Barão do Triunpho, 401.

GUARDANDO UM OSSO...



MARIANO FALCÃO — DENTISTA

Rua Manoel Pinheiro n. 141



JAYME D'ALTAVILLA

BALLADA DAS ROSAS

Das rosas rubras como o poente,
Das rosas brancas como o luar,
Foram, por teu gesto inclemente,
No chão as petalas rolar.
Hás de sentir eternamente,
Sem que aos rosas sem flores baste,
Remorso pela dôr pungente
Das rosas vivas que esfolhaste.

Com que praser intelligente,
Com que volupia singular,
As pobres rosas, lentamente,
Tu te pozeste a desfolhar,
Talvez num dia equivalente
Tambem tua alma, fiôr sem haste,
Teve o destino assim dolente
Das rosas vivas que esfolhaste.

Olha-me bem pois, frente a frente,
Quero em teus olhos mergulhar
A luz maguada e complacente
Do meu sereno e terno olhar.
O' minha doce delinquente,
Talvez por ciume tu peccaste!
Dou-te o perdão benevolente
Das rosas vivas que esfolhaste.

OFFERTA—Na tua bôcca rubra, ardente,
De raras perolas engaste,
Poreja o sangue adolescente
Das rosas vivas que esfolhaste.

(Do livro em preparo A LAMPADA DE ALADIN)

A eugénia e o direito actual

Posto ao século passado se deve a fundação da eugénia,—tal como a entendem Galton e seus proselytos,—não se pôde recusar ao presente a glória de ter convertido o ideal eugénico em ideal social, por assim dizer.

Graças por isso sejam dadas, com sinceridade de alma, ao século XX, pois muito merece essas preocupações o futuro de nossa espécie.

E' de lamentar, até, com Spencer, que muito antes já não as tivesse merecido.

Isso, porém, se explica por uma singularidade na marcha do espirito humano, que, na phrase de Silva Marques, «não tem ainda o *eu* e tem já a causa primeira; não tem o *não-eu*, mas tem o *cosmos*.» «Não possuindo ainda uma psychologia, contenta-se com uma theogonia e uma cosmogonia.»

«Les phénomènes mystérieux,—dit éminent penseur—ou éloignés de nous par le temps ou l'espace, excitent beaucoup plus vivement la curiosité des foules que les faits avec lesquels elles sont journellement en contact.»

E' natural, portanto, que, antes de fundar uma sciência eugénica, tivesse o homem creado, por exemplo, a zootecnia.

Mas o século passado deu o primeiro passo para a redempção desse opprobrio, e o presente com tresdobro de vantagens lhe segue e amplia a iniciativa.

Os maiores sábios mundiaes são hoje adeptos da eugénia, e toda a sciência biologica, na attitude de ancilla, presta obedientemente seus cabedões á sciência do aperfeiçoamento physico, moral e intellectual da espécie humana.

Os *crédos* eugénicos são de presente verdadeiros *crédos* sociais, por que se empenha o combate de um sem-número de cientistas interessados no futuro da humanidade.

No Brasil os principios da doutrina de Galton tiveram irrupção redemptora com o sôpro de idéas novas que nos vêm sacudindo faz alguns annos,—quando, acordados de um somno tranquillo de inconsciencia, pelo cyclone de 1914, entrámos a pensar em nós e nossas cousas.

Biac nos despertou com seu altíssimo clarim de rebate para o resurgimento cívico.

Miguel Pereira, Belisario Penna e Arthur Neiva, com estremeções alvorotadas, nos deram o alerta contra o perigo a que estava entregue de braços cruzados a população brasileira, inutilizada, corroída ou simplesmente debilitada por myriades de micro-organismos pathogenicos.

Cocebando a obra, vem o rebote da hominicultura, de que se fez arauto Renato Kehl, fundando em 1917 a primeira sociedade eugénica da America do Sul, na capital do Estado de S. Paulo.

Eugénistas e partidarios do saneamento deram-se as mãos e integralizaram suas obras, numa luta persistente e desarmada contra a hostilidade, o optimismo e a indiferença, que se lhes offereceram. E no portão das vitórias têm triumphado, embora a pouco e



INSTANTANEO — Saida da mesa da Cathedral

pouco, suas idéas, de que é fruto a criação do Departamento Nacional da Saúde Publica, pelo actual governo.

A obra integral da eugénia, porém, por sua desmarcada complexidade e larga base altruistica, não é dessas a que se possa prever realização proxima.

Terá de lutar muito ainda por que se lhe lancem definitivamente os alicerces.

Suas tres faces, como quer o sr. Renato Kehl, — positiva, negativa e preventiva, — não ajustam bem, ainda, principalmente em nosso meio, a uns tantos postulados que o tradicionalismo jurídico consagra.

Haja vista um dos problemas da eugénia «negativa» — a interdicção de procreação aos seres defeituosos, evitando o casamento dos incapazes e tendo por estio o exame pre-nupcial de sanidade.

É esse um dos meios de maior eficiencia na eliminação da dygenia, com base na lei da hereditariedade.

Delle tratou um dos colaboradores desta revista em artigo que merece lido e pensado e

a que se não devem regalar louvores pelo alvo que mirou, atraindo a attenção publica para assumpto de relevancia tal.

Por isso é que não nos parece ocioso nem desafortunado insistir no thema, versando-o embora por *sanctus espitus*, na leveza compativel com o genero desta publicação.

Sem embargo disso, frustrou-se-nos a tentativa de concluirmos hoje este trabalho, pela necessidade, que se nos impunha, de girar os locomotores da materia sujeita.

O tempo dentro no qual desejaramos ultimar estas linhas, já se escoou de todo, e o espaço que temos tenção de occupar nesta revista, já não comporta mais.

Fica-nos o empenho de tratar de outra feita á luz das tendencias e dos precedentes juridicos modernos o problema do exame pre-nupcial.

JOÃO DA MATTA

ESTYLO PARAHYBANO

— «Um taquinho de pão!», pede o menino.
E a mãe: «Estou vexada; agora, não!»
Desabeleta, enfim, *vae ver* o pão.
Bolsa manteiga e entrega ao pequenino.

Mas o gury, com o bucho cheio, tinino,
Parece que tem fome como cão:
Lambe o que é seu, *espia* o que é do irmão.
E chora: é tilo chorão quanto traquino.

Então, o pai *róxo*, *desadorado*,
Briga assim: «Que menino mais peitado!»
Ninguem pôde aguentar essa *peitica*!

E *vae dai-lhe um ensino*, *sugigal-o*,
Dar-lhe dois *muchichões*, *faxer-lhe um gallo*:
Com *luxo* e *denço* de menino implica.

BASTOS LEÃO

NOVO JORNAL

Circulará, no proximo domingo, nesta cidade, um organ de publicidade, obediente á direcção de talentosos jovens do gremio 24 de Março, do Lyceo Parahybano.

Ainda não sabemos como se intitulará o novel hebdomadario, que terá collaboração dos corpos docente e discente daquelle estabelecimento de educação secundaria, trazendo também alguns *clichés* dos pontos mais pittorescos de nossa terra e de figuras de representação social da Parahyba.

Era Nova noticiando com jubilos o apparecimento desse novo collega, que de certo formará condignamente ao lado dos demais da imprensa parahybana, congratula-se com os seus directores e com as letras conterraneas.

O DESHERDADO

Certo dia um pobre diabo, desses que se amontôam pelas esquinas e vivem a deambular pelas ruas, com olhares pedintes e estômagos esfomeados, não podendo mais resistir a tantas privações, resolveu queimar os últimos cartuchos, chorando suas desgraças a quem lhe pudesse minorar os sofrimentos.

Bateu a todas as portas e contou sua historia, sempre triste e pungente, a todos os homens, e todos recusaram-no formalmente, allegando uns, máos negocios, outros, muitas

Pensou ainda que a intelligencia só presta quando applicada industrialmente a fins lucrativos; que a litteratice é um palliativo feito para homens mediocres; enfim, pensou cathegoricamente o infeliz taciturno, que o dinheiro é a mola do mechanismo social; com elle se adquire posição, conquista-se mulheres e arranja-se, se preciso for, uma passagem para o céo, com uma simples indulgencia. Nisto um sujeito barrigudo, certamente algum commerciante capitalista, que vinha de braços, pelo pesçoço,

Por intermedio do dr. Alcibiades Silva, nosso correspondente em Natal, recebemos o quarto numero da «Revista do Centro Polymatico», bella publicação trimestral que se edita naquella capital.

Variado nos assumptos e substancioso na essencia, este periodico não sómente corresponde ás necessidades do meio, pugnando pelo bem e desbravando o emaranhado de nossas letras, como também recommenda, só por si, a sua terra.

Fazemos votos de longevidade á nossa confrreira da vizinha capital do norte.

Impressões do Amazonas

LENDAS

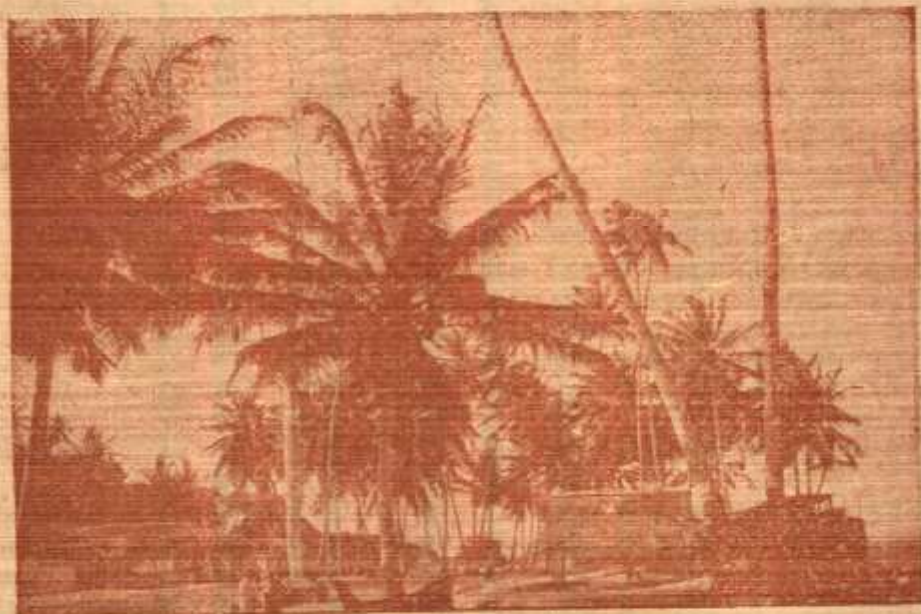
(DE UM LIVRO EM PREPARO)

... Aqui, entre os caboclos do Amazonas, além dessas crendices, importadas pelos *cearenses* (1) do nordeste, cuja influencia já degradada e esbatida não exerce aqui, como exerce lá, o mesmo predomínio sobre estes ingenuos espiritos, sobreexistem crenças locais de maior fulgor, que se lhes impoem como mais vivas por serem hereditarias.

Ha por exemplo a lenda do bôto, não pouco interessante:

O bôto, esse cambalhoteiro e roliço peixe luzidio, muito frequente nos mares e muito abundante nos rios do Amazonas, onde existe sob duas especies principaes — o negro e o vermelho — logra merecer dos caboclos, deste longinquo norte do Brasil, um grande respeito como um ser sobrenatural. O bôto, como o chamam na sua linguagem fechada, é um *príncipe encantado* que se *vira em gente* nos quartos minguanes, quando isso lhe apraz... cheio de doçura e protector daquelles que lhe caem nas graças; tracundo e perseguidor daquelles que lhe tropeçam no desagrado. Astuto galan, D. Juan impiedoso de irresistivel seducção, elle, deixando por encanto no fundo lodoso dos remansos a lustrosa pelle de bôto, revestese das galas de soberbo príncipe aventureiro e amante... das caboclinhas...

Não sei sob que aspecto o encantado impressiona a imaginação dos caboclos do Amazonas. Certamente não será sob os adereços pomposos de um guerreiro príncipe medieval, nem sob os de um príncipe de corte, perfumado á pripiroca; a larga fronte ornada de corridos e lustrosos cabellos negros magestosamente toucados da polychromica vestimenta de canindés, tucanos e guarás; o busto herculeo afagado pelo roçar de crepitantes collares de alvos dentes humanos de inimigos vencidos e trucidados, de alongadas voltas de



PRAIA PONTA DE MATTO

despesas, enfim, alguns nem resposta, lhe deram.

O infeliz pária da sociedade sahi desilludido e pensativo, percorrendo, ao acaso, ruas e viellas até que se encostou, abstrahidamente, no frontal de uma porta. Era justamente num dos mais movimentados cafés da cidade.

Seu cerebro, nesse momento, abraçava-se no fôgo incendiario das aspirações inatingiveis.

Pensou em tudo, até mesmo em despesas, e não, alguns deus caprichos, já não prestava; que seu tacto reduzia-se a trapos.

Pensou mais que a humanidade é imperdoavel; que a lucta de ambições e de grandezas existe entre todos os homens; que todos se abraçam e se odeiam; que a guerra clandestina e surda é latente e perigosa,

com um seu collega, abalruou-o de encontro á parede e levou-o de oito, aos impulsos de sua formidanda pança, como se o infeliz fosse uma coisa inutil, ou algum cão vagabundo.

Apenas tomara a posição primeira e cahia nas meditações que seu espirito doentio e amofinado appetecia, um outro typo lazarino e nevropatha, talvez algum *almofadinha*, plantou-lhe o tacão do pé de anjo em cima do melhor de seus callos.

E foi-se cambaleando, tropego e errante, como um cosmopolita eterno em busca de outro mundo mais hospitaleiro, porque neste não achara pouso.

LIVIO

pontegudos caninos de Jaguar-tiricas, nivas presas de lontras e de Jacaré-tingas, entremeadas de frócos berrantes de penhas de Curiatás.

As ilhargas a vistosa tanga de vivas plumas multicóres; nos tornozellos e nos punhos os acochos e as pulseiras da mesma feição; as mãos vigorosas o tacape terrível, o arco certo ou a intubia dolente... E o encantado ser, nas selvas da Amazonia, sahido da feia fórma do luzido peixe, mais commumente para aventurosas lides do amor, é quase sempre o responsavel impune pelo emurchece e despelalar das bisarras orchideas das grinaldas virginaes de espertas e astutas caboclinhas amorosas... E, credulas, multas avós abafam no seio carinhoso o vagido infantil de tenros e rochunchudos filhinhos do buto...

As mães, guardando reconditamente o segredo da verdadeira paternidade, são então

olhadas, complacientemente, como victimas indefesas da irresistivel fascinação do impiedoso encantamento...

Manãos — 1919.

PINTO PESSÔA

(1) É habito chamar -ceurensa- a qualquer immigrante do nordêste.

BANANEIRAS

BODAS DE PRATA:

Festejou a 9 do cadente, suas bodas de prata, o distincto casal, dr. José de Mello, juiz de direito da comarca e sua exma. consorte d. Anna de Mello.

Solemnizando o transcurso daquella graza ephemeride, foram rezadas missas em açção de graças á illustre familia do dr. José de Mello, effectuando-se á tarde em sua residencia a enthronização do Coração de Jesus, cerimonia a que esteve presente a unilber sociedade bananeirense.

Por este motivo o digno casal recebeu numerosos cumprimentos de felicitações de pessoas de suas relações de amizade.

meio amante e a certeza sobre o papel do sr de Croucy, ignorando o facto.

Afasta-se, também, a idéa de adaptação, pois o fim e muitos pormenores são diferentes.

Ademais o sr. Renato Vianna é uma promessa (que termo classico irresponsavel!) em que collaboram intelligencia, força de von-



MISS. CLARA KIMBALL YOUNG

Echos de arte

ITALIA FAUSTA

Os nossos criticos usam, commumente, levados por sentimentos affectivos, na apreciação de uma obra de arte, processos condemnaveis.

Com pequenas variantes, acontece isto: depois de apparecer a obra fazem-lhe a critica *sem pretensões* e inevitavelmente rotulam o auctor. Este rotulo ou classificação tem unicamente duas faces: ou o auctor é genial ou estupidamente mediocre. Ou está no polo norte ou no polo sul da arte. No collocar os mediocres no polo sul ha má vontade evidente. De minha parte, se a relatividade distinguisse altos e baixos, desistiria desse habito proveniente, talvez, de leituras para outros paralelos.

Os genios, collocaria-os todos no polo sul, que é o que de facto está acima de nós, illuminado pelo Cruzeiro. Não é inopportuno improvisar astronomia quando queremos falar de theatro, tão rico de estrellas de diversas grandezas.

O sr. Renato Vianna appareceu, no theatro, para não abahdonar a astronomia, como uma nebulosa, sendo guindado pela critica, a que me referi acima, ás culminancias de um Sol. Essa luz toda vem dos seus *Phantasmas*.

Foi também com elles que se estreiou, no Santa Rosa, a Companhia Dramatica Nacional. O 1.º e 3.º actos são fracos, com algumas phrazes e argumentos banaes sobre a religião e a sociedade, que pretendem fazer do dr. Paulo um typo superior. Não lhe acho tal. Salva-se o 2.º acto. Aqui façamos uma comparação. Alóra ser o thema uma tecla batida

Israel, drama de Henry Bernstein, levado pela primeira vez em Paris, em 1908, no Theatro Réjane, creando o papel de Agnes de Croucy, a admiravel artista patrona do theatro.

Essa coincidência de nomes (Agnes de Croucy e Maria Augusta de Croucy) é, evidentemente, intencional.

Não consegui, porém, comprehender o seu fim, por muitos motivos. Um delles é a evidente semelhança technica no decorrer do 2.º acto que existe entre o drama do sr. Renato e a



WILLIAM S. HART

peça franceza, tirando a hypothese de um confronto forçado pouco lisongeiro para o auctor brasileiro.

Nesta, o filho da sra. Croucy exige, na scena capital, a revelação de dois segredos: 1.º a verdade sobre a honra de sua mãe, e o 2.º o mysterio de sua paternidade.

Nos *Phantasmas* ha a mesma combinação

taide e de trabalho, afastando-se, creio, bem longe de Ibsen, a quem querem aproximal-o.

Por isso como disse acima não entendi a intenção da equaldade dos sobrenomes.


Intenso comprehensivel foi a do sr. Gomes Cardim e da sra. Italia Fausta, fazendo uma visita á noessa capital. Da sra. Italia Fausta nada mais se póde dizer. Seu nome esgoicou os adjectivos, aliás conquistados á custa de trabalho e intelligencia, e não precisa mais a força de repetir para vencer.

E' um nome nacional, que, a Parahyba, surpreza, recebe como a mais pura, mais perfeita e superior expressão de arte, que temos tido.

Suas creações *Phantasmas*, *La femme*, *Mãe Cartomante*, *A Malquerida*, *O Escandalo* etc. rivalisam sempre com as maiores das artistas européas. E' quanto basta.

Foi uma semana intensa em que o theatro venceu o cinema.

Independentes, embóra, o cinema não tem prestigio artistico do theatro. E' considerado sem razão, para muitos como um passatempo sem sabor puro de arte verdadeira. Eu faço ponto final. O leitor (?) deve estar cansado principalmente se sentiu emoções, assistindo luctas de um fidalgo, que, na Russia, foi peccado de um... goso e tragico, mas que aqui, fardado de de policia, é coisa mui para rir...



NO CLAUSTRO

JONAS MONTENEGRO

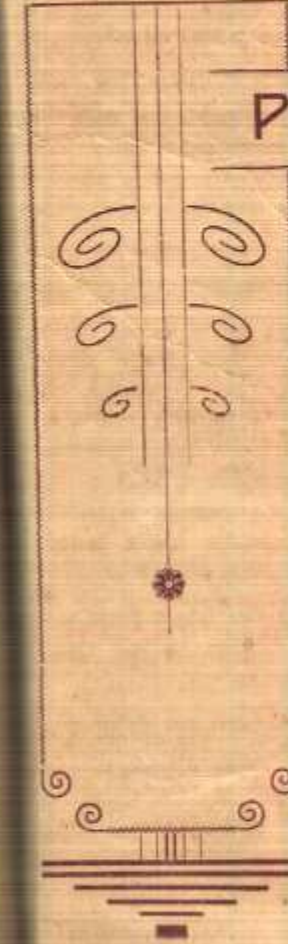
Pesa um vago silencio indeciso e soturno.
O atrio vazio. Ao centro, em armações de grades
de vil madeira tosea e arruinada, o nocturno
e mortiço clarão da alampada saudades

de luz projecta ás plantas. Humidades
de pedra lisa vão atacando o viburno
de dous bancos, ou tres. Passem sombras de frades
lentos, de aspecto triste e pesado e soturno,

o capuz levantado, as mangas do burel
descalhadas . . . No claustro, onde o alto columnario
imita braços nús no escuro eremiterio

dos monges, anda em tudo a imagem do mysterio
em psalmos traduzido, em antiphona, o hymnario
talvez de mil paixões fugidas em tropel.

VICTORIA - 1915



PULVIS EST...

PEDRO ANISIO

Para o Horacio de Almeida

Eis o termo final de tudo neste mundo :
—Um punhado de pó, de onde tudo proveiu ;
Ou seja uma Phrynéa, em languido coleio,
Ou seja um monstro informe, horripilante, immundo !

Nada póde escapar da terra no volteio,
A' sorte de ser pó, elemento fecundo,
Que no crisol de um Deus, sempre alegre e jocundo,
Maravilhas compoz, desse artista ao meneio !

Tudo, pois, que tem vida e tudo quanto existe,
Seja homem ou paúl, seja rocha ou panthera,
A' força de ser pó, não foge nem resiste . . .

"E' pó" . . . eis um conceito elevado e seguro,
Que podemos gravar no livro da chimera,
Como ponto final da trilha do futuro !

BANANEIRAS - MARÇO - 1921

NOTAS SOCIAES

BORBOLETA AZUL

Logo ao amanhecer Clarinha saltou do leito e vestindo-se apressadamente sahira a passear. Tinha 16 annos. Os olhos negros grandes e amendoados contrastavam com a brancura da tez. Completava-lhe o typo fragilmente gracioso

Na vespere, Carlos seu primo e companheiro de brinquedos, fallava-lhe em amor? ...

—Que seria, animal de comia, o amor? ...

Não sabia. No entanto perturbava-se e as palavras do amigo de infancia em vez de fazê-la rir, como sempre, tornaram-se perigosas, num mixto de medo e prazer ...

...

Uma grande borboleta azul passara roçando quasi as azas vaporosas as abas largas do chapéo de Clarinha, despertando-a da especie de sonho em que cahira, e... fazendo-lhe nascer o desejo de captural-a.

A mulher era ainda criança.

Não o fossem um pouco todas as mulheres!

Clarinha a correr, olhos negros scienciando, toda a palpitante no desejo de apanhar aquelle esquivo pedaço de gaze azul, precipita-se, alcança a ponte, e... ouve-se um estalido, um grito estridente de supremo pavor, o baque de um corpo.

Uma das taboas da pontezinha cedera e o liado corpo de Clarinha precipitara-se no leito escuro do rio.

Um momento tentou livrar-se do abraço frio e mortal das aguas, mas, enfim cansada, vencida, deixara-se, num abandono singular, envolver pela corrente rapida do rio.

...

Morrera, fugindo ao amor de Carlos, modavel, egoista e inevitavel como é o amor do homem e levando consigo, naquella clara e suave manhã de maio, as suas mais secretas ilusões, borboletas azues a voar ...

ALICE

NASCIMENTOS

Em attencioso cartáo, participaram-nos o nascimento de seu filho Eurivaldo, occorrido no dia 29 do mez p. passado, o dr. Euripedes Tavares e sua exma. consorte d. Maria das Dóres Caldas Tavares.

No dia 30 de abril transacto veio à luz, na cidade de Bananeiras, a interessante criança Yvan, filho do dr. José Maria Neves, facultativo naquella localidade, e de sua digna esposa *mine.* Maria Miranda Neves.

No dia cinco de maio corrente, nasceu nesta cidade o menino Adhemar William, filhinho do sr. Cicero Caldas e sua digna consorte d. Maria L. de Menezes Caldas.

ANNIVERSARIOS:

DIA 13: *Mlle.* Mariquita Ribeiro, consorte do professor Mathews Ribeiro, administrador da Pacchodora de B... de B...

ANNIVERSARIOS:

DIA 19: Dr. Roberto Lyra, nosso confrade e *no* *interessante* do Rio, e filho do senador João Lyra.

—A exma. sra. d. Maria Castro Pinto de Medeiros, esposa do sr. José de Souza Medeiros, funcionario da Secretaria de Estado.

Festiva no dia 21 deste, na intimidade do seu lar, o seu anniversario natalicio, a gentil senhora Cynira Maranhão, dilecta filha do dr. Affonso Maranhão, engenheiro-chefe dos telegraphos deste Estado.

Possuidora de primorosa educação, que se lhe use, ao se approximar de sua encan-



ICY — interessante filhinha do coronel Perceiro Marinho, que completou annos no dia 11 do corrente *mez.*

a abundancia anelada dos cabellos castanhos, soltos e rebeldes, a voar.

...

Mais fazia desahrochar myriades de corollas, numa orgia pagã de côtes.

O ar perfumado e quente enfiltrava docemente em todos os corações a deliciosa sensação de viver, a alegria do amor.

Abandonando a calma risonha dos jardins, Clarinha dirige-se para um bosque que se ergue alli perto e com uma especie de temor alcança as primeiras arvores, mudas sentinellas dos mysterios nupcias das cousas.

Mais adiante rasgam o bosque as aguas traiçoeras e borbulhantes de um rio, num extravagante contraste de rumor com a calma benevola do arvoredo. Em certa altura uma ponte rustica de taboas mal unidas e mal seguras é o unico traço ligeiro e incerto que une as duas margens.

...

Clarinha caminhava enievada, sorrindo ás innocens *gentis* do ornamento rustica de taboas mal unidas e mal seguras e o unico traço ligeiro e incerto que une as duas



Mlle. CYNIRA MARANHÃO

tadora personalidade, d. Cynira constitue, pelo prestigio das graças femininas, que nella tem a sua mais acabada expressão, o unico ideal de seus illustres progenitores, que a adoram, e o encanto da nossa mais alta e culta sociedade, que a admira.

Educada num ambiente de transcendente intellectualidade, a sua formação mental, cuidadosamente modelada por desveladas mãos femininas, tem sido orientada para o estudo dos classicos inglezes e para a musica, em cuja expressão emocional encontra ella a satisfação as suas vehementes ancias espirituas e á sua delicada sensibilidade artistica.

Era Nova, que lhe estampa o retrato, antecipa á graciosa anniversariante os seus parabens.

DIA 22: Cel. Antonio de Castro Pinto, nosso distincto amigo e funcionario das Obras do Porto de Cabedelo.

— *Mlle.* Lili Rosas, digna irmã do dr. Clemente Rosas, despachante da Alfandega.

—A menina Dalka, filhinha do dr. Pedro Ulysses de Carvalho, tabelião publico neste *mez* Rosas, despachante da Alfandega.

ERA NOVA

— Passará nessa data o aniversário natalício da exma. sra. d. Priscilla Veloso Borges, consorte do dr. Veloso Borges, conhecido clinico nesta capital.

DIA 24: *Mlle. Cecilia Espinola*, professora publica nesta cidade e filha do major Rodolpho Espinola.

D. JOÃO JOFFILY: Faz annos no dia 24 do corrente mez s. revd. d. João Joffily, virtuoso bispo do Amazonas e uma das figuras de representação no clero brasileiro.

Ao Ilustre prelado patricio cumprimentamos cordialmente.

DIA 25:— Transcorrerá nessa data o natalício do cel. José F. Pessoa de Queiroz, honrado commerciante da praça do Recife.

DIA 26: *Mlle. Dulce Alverga*, filha do cel. Pedro Alverga, e um dos ornamentos da sociedade parahybana.

Mlle. Olivina Carneiro da Cunha, professora da Escola Normal.

— O jovem Frederico Cavalcante, alumno da Escola Militar do Rio e filho do des. Heraclyto Cavalcante.

— Occorrerá no mesmo dia a data genethliaca do cel. Manuel Caldas de Gusmão, do alto commercio desta praça.

DIA 27:— Senhoreinha Olga de Azevedo, filha do dr. Manuel J. de Oliveira Azevedo, juiz de direito da 2.ª vara da capital.

DIA 28: *Mlle. Emilia Barretto*, da importante familia de Alagoinha, no interior do Estado.

Acha-se entre nós, desde alguns dias, fazendo parte da commissão de prophylaxia rural, o dr. Gastão Cruis.

Cavalleiro inconfundivel pelos seus meritos reaes, o dr. Gastão Cruis é um medico de valor e um literato bem iniciado.

Para recommenda-lo nada mais é preciso do que o seu livro *Coimbra*.

Na cidade de Mamanguape succumbiu, a semana transcia o respeitavel cidadão sr. Adelinio J. Carneiro da Cunha, que de ha muito exercia as funcções de collector federal alli.

O extinto, que acarretava com avultado numero de sympathias nesta capital e naquella municipio, era casado com d. Anna M. Carneiro da Cunha, irmã do exmo. desembargador Heraclyto Cavalcante e capitão Frederico Cavalcante.

A morte do sr. Adelinio Carneiro foi muito

sentida vindo enlutar uma das familias mais em evidencia em nessa sociedade.

A familia do morto apresentamos sinceros pesames.

Registou-se no dia 1 do corrente, em Guarabira, o fallecimento do venerando coronel

Antonio de Aquino, politico naquella importante communa parahybana.

Vitimoú o cel. Antonio de Aquino um ataque imprevisto de uremia, para o qual foram improficuos todos os recursos medicos.

Por este lamentavel acontecimento, *Era Nova*, condolencia á familia do chorado morto.

Pelo mundo dos desportos

TAÇA "CENTENARIO"

offerecida pela C. Cervejaria Pernambucana ao team vencedor do campeonato deste anno.



uma nacionalidade dos mais fortes e brilhantes que o mundo tem conhecido.

E' curioso observar-se, hoje em dia, nos Estados Unidos, o entusiasmo e fanatismo que tem despertado todos os generos de desporto.

Kente nós tambem elle se vai alastrando em proporções admiraveis. Innumerous são os processos de cultura physica a que nos entregamos com afan e dedicacão.

Attendendo, porém, ás condições climaticas de nessa região tropical, notamos que o *football* é dos desportos o menos compativel com os nossos costumes.

Ha, além deste, diversos outros jogos desportivos a que nos devemos entregar com mais carinho. A regata e a natacão são os mais completos e os menos violentos. Desenvolvem uniformemente a complicação total do individuo e desobstruem todas as vias sudoríficas. Para que tambem os seus resultados sejam salubres precisamos primeiramente attender á methodização que se faz mister.

O exercicio forçado e sem regras, para um organismo abatido e fraco equivale á sua ausencia completa, ou, peor ainda, a consummacão rapida do osado que o pratica.

Exultemo nos com a fundação do *Club do Remo* que, numa perspectiva feliz, vem como uma novidade para gaudio de nossos desejos.

Entveredemo todos os nossos empenhos para o triumpho e successo desse excellente desporto e trabalhemos cohesos e perseverantes para que elle predomine sobre essas cavalhadas britannicas que, quando não estafam os orgões do luctador, deformam-nos ao choque de pernadas violentas e intempestivas.

Club do Remo

As 11 horas do dia 8 do corrente realizoú-se, no salão nobre da Associação Commercial, a posse solenne da 1.ª directoria do Club do Remo, sociedade fundada recentemente nesta capital por pessoas representativas do nosso meio.

Para assistirmos áquella cerimonia, recebemos um attencioso convite do 1.º secretario, sr. José Basto, ao que penhorados agradeceremos.

O exercicio physico é tao necessario ao desenvolvimento de uma raça como o exercicio intellectivo. Um e outro praticados simultaneamente, com as regras exigidas pelo methodo do aperfeicamento, elevam ao apogeu da grandeza os povos que a elles se dedicam.

Os gregos applicavam-se a ambos com interesse e carinho e por isso mesmo constituiram

GALERIA

BRASIL

POSTAES DE LUXO

(Exclusividade de Galeria Brasil)

TIPO A	— 1 por	— 1\$000	— 5 por	— 4\$000
• B	— 1 .	— 1\$500	— 5 .	— 6\$000
• C	— 1 .	— 2\$000	— 5 .	— 8\$000
• D	— 1 .	— 2\$500	— 5 .	— 10\$000
• E	— 1 .	— 3\$000	— 5 .	— 12\$000
• F	— 1 .	— 5\$000	— 5 .	— 20\$000
• G	— 1 .	— 6\$000	— 5 .	— 24\$000

CADERNETAS DE NOTAS

(Especialidade da Galeria Brasil)

Numero 1	— Uno	\$500	— Dez	4\$000
• 2	— .	\$800	— .	6\$400
• 3	— .	1\$000	— .	8\$000
• 4	— .	1\$000	— .	8\$000
• 5	— .	1\$200	— .	9\$600
• 6	— .	1\$200	— .	9\$600
• 7	— .	1\$500	— .	12\$000
• 8	— .	1\$500	— .	12\$000

BEZERRA & COMP.

35 — RUA MACIEL PINHEIRO — 35

IONA & C.^A

EXPORTADORES

Compram pelles e couros, de toda especie, sementes de algodão e mamona, pennas de ema, etc.

Mantem grande deposito de linha de coser marca "ESTRELLA"

Tam casas com o mesmo ramo de commercio em MACEIO, PEDRA, CEARÁ E AGENCIAS EM BAHIA, RECIFE E NATAL.

Rodreço Telegraphico: — **DELMIRO**

ESCRITORIO E ARMAZEM:

Draça São Dedro Gonçalves, ns. 75 e 97.

CAIXA POSTAL N. 7.

PARAHYBA DO NORTE

CAIXA POSTAL N. 7.

Grande Armazem de Estivas

— DE —

BENJAMIN FERNANDES & C.^{IA}

Em fare de seus grandes STOCKS, vendem a preços reduzidos:

Tintas de todas as qualidades para pintura de casas, oleo de linhaça, inglez, genuino; taboas de pinho do Paraná, de 14 e 13 X 9 X 10; bom-bons e caramellos, em frascos e latas; macarrão, aletria e massas para sôpa, louças de porcelana, pó-de-pedra (completo sortimento), louças de barro vidrado e não vidrado, artigos de vidro, etc., etc.

Draça Alvaro Machado n. 16 — Parahyba

Draça Alvaro Machado n. 16 — Parahyba

E' NA
ALFANIATARIA GRIZA

á rua MACIEL PINHEIRO, 184. (sobrado)



Completo sortimento de artigos para homens

que a elite parahybana deve vestir-se. — Os melhores
TECIDOS INGLEZES garantidos.

Executam-se todos os trabalhos COM PERFEIÇÃO e os seus freguezes tornam-se seus amigos.

Tem completo sortimento de Camisas, Cuecas, Pyjamas, Collarinhos, Gravatas, Meias e Perfumarias.

Domingos Griza & C.

Parahyba do Norte

CASA KODAK

Artigos para Photographia, Machinas, Cartões, Chapas, Drogas e Papeis.

A photographia está a mão de todos, até creanças podem hoje, com as machinas novas, tirar retratos, e manipular chapas e films.

MACHINAS PARA FILMS DESDE 20\$000

A coisa mais agradável para os parentes possuir retratos de seus filhos desde primeira infancia.

A casa tem pessoal habilitado para revelar e tirar provas de todos os Films e Chapas por preços modicos.

CAIXA POSTAL - 19
RUA MACIEL PINHEIRO N. 29
PARAHYBA DO NORTE

GUERRA & GUSMÃO

Fabrica S. FRANCISCO

COUROS, CARNEIRAS, PELLIGAS E SOLAS.

Ladeira de S. Francisco 53

PARAHYBA

ATENÇÃO!

CASA POPULAR
de L. DONIZETTI & Comp.

OURIVESARIA PINHEIRO
DE
JOSÉ PINHEIRO
OURIVAGEM E PATEAÇÃO

ERA NOVA

ATENÇÃO!

Quereis tirar a sorte grande?

IDE AO

SONHO FELIZ

Endereço tel. "Courinho"

Largo da Viração, 13.
PARAHYBA

CASA POPULAR
de L. DONIZETTI & Comp.

Completo sortimento em fazendas, miudezas, perfumarias, roupas, etc. - Especialidades em chapéus de palha, últimas novidades, gravatas, camisas, fantasias, cretones, morins e outros artigos para homens, senhoras e crianças. - Preços reduzidos.

Matriz: Rua Beaurepaire Rohan, 267.
Filiais: Rua da Republica ns. 654 e 456.

PARAHYBA DO NORTE

OURIVESARIA PINHEIRO
DE
JOSÉ PINHEIRO
OURIVAGEM E PATEAÇÃO

Nesta casa sah in-se joias de ouro e tartaruga, faz-se qualquer gravura em ouro e baixo relevo, concerta-se relógios e fuses de toda especie. Vende-se material para relógios e ourives; como tambem moldes e pincelaz em qualquer grau ou tamanho etc.
RUA DA REPUBLICA N. 792

TINTURARIA

e **LAVANDERIA LUSITANA** de HENRIQUE WYLLER

Executa com perfeição qualquer lavagem de casemiras, flanelas e sedas, usando processos em secco para os tecidos finos e delicados, fazendo tambem tingimento de roupas de casemiras em todas as cores. Tem em grande attenção os processos chimicos que usa para a maior conservação dos tecidos.

LAVAGEM DIARIAMENTE

Rua Maciel Pinheiro N. 292
e DUQUE DE CAXIAS N.º 511.

BRITO LYRA & C.

FAZENDAS

VENDAS EM GR.GROSSO

Rua Maciel Pinheiro

Parahyba do Norte

PADARIA ROYAL

DE

CAVALCANTE & FILHO

Rua Dr. Epitacio Pessoa
PARAHYBA

TRABALHOS

ARTISTICOS

Belizio Ferrer

OURIVES

Rua Barão da Passagem, 57A.

EXECUÇÃO

PERFEITA

A "PHENIX"

de **NELSON & COMP.**

PONTO CHIC

Bebidas finas, conservas, bombons, doces, queijos, chocolates e sorvetes.

TELEPH. N. 221 - END. TEL. "PHENIX" - C. POSTAL 109

RUA DUQUE DE CAXIAS N. 354

PARAHYBA DO NORTE

CUNHA IRMÃO & C.

Rua Maciel Pinheiro

Estabelecimento de 1.ª ordem

FAZENDAS EM GROSSO

COLOMBO

Fabrica de camisas, ceroulas, collari-
nhos e pyjames — Artigos para homens.

MARINHO & MOURA

DEPOSITO — CASA COLOMBO } FABRICA
RUA: MACIEL PINHEIRO, 205. } BARÃO DO TRIUMPHO, 450.
End. telegrap. "COLOMBO" — Parahyba

G. PETRUCCI & C.^A

Artigos electricos
Automoveis e
seus pertences

Rua Maciel Pinheiro n. 198
CAIXA POSTAL 71
PARAHYBA

RETRATOS

ARTE NOVA

2\$000 a duzia
Na "PHOTO-COLOMBO"
BECO DO ROSARIO
PARAHYBA DO NORTE

PARQUE HOTEL

DE LUIZ PERGENTINO & NEVES

Rua Barão da Passagem n. 63.

Completo sortimento de bebidas nacionaes e estrangeiras

Refeições a qualquer hora do dia ou da noite
Accommodações á vontade do mais exigente freguez

Vendas a dinheiro ||| Telephone n. 143 — Parahyba

MOVEIS

"CASA NAVARRO"
PARAHYBA DO NORTE

Rua MACIEL PINHEIRO, 129.

GRANDE EMPORIO

de chapéus, de todas as qualidades,
para homens e creanças.

CASA PENNA

O melhor sortimento em grava-
vatas, collarinhos, meias, camisas
e perfumes.

Depositarios dos melhores
fabricantes de calçados

Rua Maciel Pinheiro 88 — Parahyba

GONSALVES PENNA & C.^A

Livraria, Typographia, Encader-
nação e Pautação a vapor,

ARTIGOS PARA PRESENTE
E DESENHO

Objectos para escriptorio

RUA MACIEL PINHEIRO—193
PARAHYBA DO NORTE

D. CANTALICE & COMP.^A

Rua Maciel Pinheiro n. 148 — Teleg. "CANTALICE"

Chapéus, Chapéus de
sol e artigos de modas.

PARAHYBA DO NORTE (Brasil)

F. GONSALVES

FERRAGENS, TINTAS, OLEOS, LOUÇAS, VIDROS, ETC.

RUA MACIEL PINHEIRO, 218. — Parahyba do Norte

A CAPITAL

S. BORGES

Rua Maciel Pinheiro-169

CAPRICHOSO SORTIMENTO

DE

Artigos para homens e perfumarias

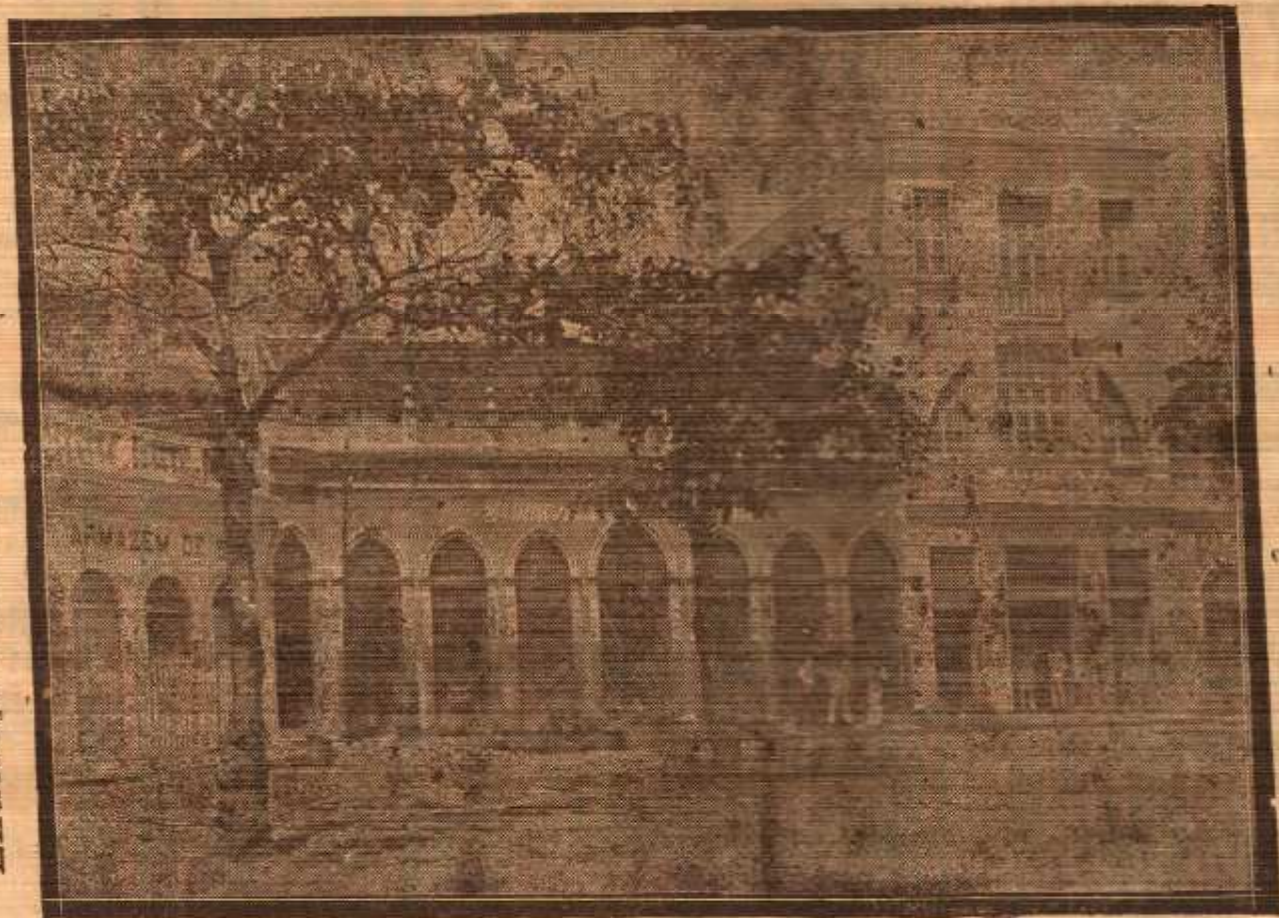
GUIMARÃES & IRMÃO
ERA NOVA

LAVOURA, INDUSTRIA
E COMMERCIO.

GUIMARÃES & IRMÃO

CONCESSIONARIOS: da Usina Jaburu e da fabrica de bebidas de F. GUIMARÃES & C.

Endereço Telegraphico: GUIMARÃES



CODIGOS: Ribeiro A B C 4.ª ed. e E.ª ed.

Importação directa de generos de estivas, nacionaes e estrangeiros.

PRAÇA ALVARO MACHADO, Ns. 11, 13, 15 e 17.

TELEPHONE N. 124

CAIXA POSTAL, 29.

Nossos correspondentes no interior

<i>S. Rita</i> —José Daniel P. de Lucena	<i>Umbuzeiro</i> —Dr. Carlos Pessoa
<i>Espirito Santo</i> —C. José João P. da Costa	<i>Campina Grande</i> —Lafayette Cavalcante
<i>Mamanguape</i> —Augusto Luna	<i>Cabaceiras</i> —Manuel Maracajá
<i>Ingá</i> —Eurico Uchôa	<i>Soledade</i> —Dr. Getúlio Cesar
<i>Pilar</i> —João José Marôja	<i>Taperoá</i> —Dr. Genesio Lustosa Cabral
<i>Pedras de Fôgo</i> —Virgílio Cordeiro	<i>S. João do Cariry</i> —Dr. José Gaudencio
<i>Itabayuna</i> —Antonio Coutinho	<i>Teixeira</i> —Professor Antônio Ribeiro
<i>Guarabira</i> —Dr. Antonio Botto	<i>S. Luzia do Sabagy</i> —Manuel Emiliano
<i>Pirpirituba</i> —Ildefonso Lucena	<i>Pombal</i> —João Queiroga
<i>Alagoinha</i> —Francisco Gonsalves de Almeida	<i>Patos</i> —Fabio Barreto Serrano
<i>Borborema</i> —Felix Brasileiro	<i>Piancó</i> —José Parente
<i>Bananeiras</i> —José Fabio	<i>Condeão</i> —José Leite
<i>Moreno</i> —Leoneio Costa	<i>S. José de Piranhas</i> —Dr. José Saldanha
<i>Caiçara</i> —C. Aprigio Espinola	<i>Misericórdia</i> —José Brunet
<i>Belém de Caiçara</i> —Pedro Gaudiano	<i>Souza</i> —Francisco Benevides
<i>Serraria</i> —Antonio Rodolpho	<i>Cajazeiras</i> —José dos Anjos
<i>Alagôa Grande</i> —Dr. Joaquim Rocha	<i>Alagôa do Monteiro</i> —Nilo Feitosa
<i>Arcaia</i> —Guttemberg Barreto	<i>Princesa</i> —José Pereira Lima
<i>Alagôa Nova</i> —Clodomiro Leal	<i>S. João do Rio do Peixe</i> —P. Cyrillo de Sá
<i>Esperança</i> —Professor Joaquim Costa	<i>Cabedello</i> —Odílio Polary
<i>Araruna</i> —Antonio Carneiro	<i>Catolé do Rocha</i> —Octavio de Sá Leitão
<i>Plehy</i> —Manuel Gomes da Silveira	<i>Brejo do Cruz</i> —Dr. João Agrippino Maia

BANCO NACIONAL

SÉDE EM LISBOA

CAPITAL REALIZADO — ESC. 24.000:000\$

RESERVAS — — — ESC. 24.900:000\$

Recebe dinheiro em conta corrente ás seguintes taxas:

Deposito á ordem em moeda nacional 2%

Contas correntes limitadas (de 50\$000 a 10:000\$000) 4%

Deposito á ordem em moeda estrang. 2%

Emissão de saques sobre todos os paizes do mundo.

Encarrega-se da cobrança de letras sobre todas as localidades do paiz e do estrangeiro.

Effectua cobrança de letras no interior do Estado.

Faz todas as operações bancarias.

DEPOSITO A PRAZO — JUROS CONVENCIONAES

AGENCIA NA PARAHYBA DO NORTE:

68 — RUA MACIEL PINHEIRO — 68 — TELEPHONE — 60

TELEGRAMMAS — "COLONIAL"

MESQUITA, FALCÃO & C.^{IA}

GRANDE ARMAZEM DE MIUDEZAS E PERFUMARIAS

UMA DAS CASAS MAIS ANTIGAS DESTA CAPITAL

Artigos finissimos * Preços reduzidos

Caixa Postal n. 45

NESTA CASA TRATA-SE O FREGUEZ COM A MAXIMA CORTESIA

RUA MACIEL PINHEIRO, 38.

PARAHYBA DO NORTE

End. Teleg. FALCÃO